

HOMENS DO N.º U TEMPO

I

O Imperador D. Pedro II

Em uma dessas *Pelestres Imperiaes*, como eram denominadas pelos jornaes do tempo, o Gr. Vicente de Souza, republicano propagandista e lente da cadeira de latim do mencionado collegio, pediu venia a Sua Majestade para proceder á leitura da traducção que começava a fazer de uma das comedias de Terencio. Já o Barão de Paranapiacaba tinha nos fatigado com a traducção de trinta ou quarenta fabulas de La Fontaine, e eu confesso que estava quasi a cochillar; assim, para não dormir perante tão selecto auditorio, lancei mão de um lapis e esbocei a caricatura do Imperador.

Eu estava sentado na cadeira fronteira á de D. Pedro II, havendo entre nós um grande tinteiro de prata, que o não deixaria ver o que me atrevi a perpetrar. O Barão de Loreto, que me ficava á esquerda, observou o que eu fazia e disse-me a meia voz que era inconveniente continuar a fazer aquillo.

a fazer aquillo, o que me convenceu de que a caricatura ia sahindo parecida.

A caricatura representava o Imperador, com o pino-mes preso na parte inferior do nariz, de olhos cravados no livro, que segurava com a mão esquerda, empunhando na direita o tradicional lapis fetido, com que eram escriptos, num livro negro, os nomes de todos os ministros e altos funcionarios que claudicavam no exercicio dos seus cargos.

D. Pedro II continuava imperturbavel e attente a acompanhar no original a leitura da traducção, que, se bem me lembro, era em redondilhas rimadas. Terminada a leitura, antes de começar a discussão que se travava sempre, ora notando descuidos, ora louvando bellezas, o Imperador voltou-se para mim e disse: — Deixe ver se está parecido o meu retrato, feito por tão habil pincel...

Fiquei perplexo, não só por não comprehender como poderia elle ter visto o que eu fizera com tamanha cautela, mas ainda mais por não ser aquillo um retrato e sim uma caricatura... — «Bem feito!» disse-me o Conselheiro Doria, rindo-se da minha situação critica. Revesti-me de coragem e passei a garatuja a Sua Majestade.

O Imperador sorrio, complacente, mostrou-a ao reitor, que lhe ficava ao lado, foi ella passando de mão em mão, entre os

em ! e os m ! de todos, que torciam o nariz, com visíveis signaes de tacita reprovação, até que finalmente, tornando ás mãos de D. Pedro II, elle dobrou-a, risinho, metten-a no bolso e disse-me :—Gosto mais dos seus versos que das suas caricaturas... Comtudo, guardo-a como uma lembrança sua.

A sympathia do Imperador por mim remontava-se aos doirados tempos da minha risinha infancia. Assim que se soube na côrte que a provincia do Rio Grande do Sul acabava de ser invadida por forças paraguayas, o Imperador partio immediatamente para o theatro da guerra, (*) demorando alguns dias em Porto Alegre, afim de dar instrucções directas ao presidente da provincia e ao commandante das armas.

Fazia parte da comitiva imperial um dos amigos intimos de meu pai, o Conselheiro e Senador Angelo Muniz da Silva Ferraz, então Ministro da Guerra e depois Barão de Uruguayana, que nos visitou no mesmo dia em que chegou a Porto Alegre. A conversação versou, como era natural, sobre a patriotica partida do Imperador para a guerra, e foi salientado o grande numero de voluntarios que se alistaram para seguil-o. Aquillo me enthusiasinou tanto, que não pensei em outra coisa, tomando commigo mesmo a terminante resolução de

partir tambem para a guerra, contando apenas 7 annos de idade!

No dia seguinte, assim que saltel do carro á porta do collegio, mal o vi desapparecer, tomei a direcção do palácio presidencial, onde se hospedara o Imperador. Logo em uma das primeiras salas avistei o Conselheiro Ferraz, travando-me entre nós um dialogo que devia ser mais ou menos assim:

— Que vens fazer aqui, Mucio?

— Dá-me a sua palavra de que não dirá nada lá em casa?

— Dou, disse elle sorrindo da minha seriedade. Elle bem me conhecia, através das cartas trocadas com meu pai, sabendo por conseguinte do quanto eu era capaz...

— Dou-te a minha palavra de que nada direi. Que vens fazer aqui?

— Venho apresentar-me ao Imperador para seguir com elle para a guerra. Ajude-me, seu Ferraz, que estou com muita vontade de vel-o de novo. — (Vi-o pela primeira vez em 1864, na Capella Imperial, durante a cerimonia do casamento da Princesa Isabel, sendo eu nesse mesmo dia chrisamado pelo Arcebispo da Bahia, Conde de S. Salvador, que viera á Côrte expressamente para casar as princezas.)

O velho amigo de meu Pai, admirado e risinho, levou-me carinhosamente pela

mão á presença do Monarcha, que, perspicaz como era, assim que nos viu, percebeu logo que alguma coisa de extraordinario se passava, trocando a sua funda meditação por um animador sorriso.

— Senhor, — disse-lhe o seu Ministro, — tenho a honra de apresentar á Vossa Magestade o intelligente filhinho de um dos meus melhores amigos. O Imperador, passando-me a mão pelo rosto, perguntou-me:

— Como se chama?

— Eúcio Sebrosa Lopes Teixeira.

O Imperador, voltando-se para o Conselheiro, indagou:

— É filho do Coronel Manoel Lopes Teixeira? — A um signal affirmativo, pois eu apressai-me em responder, o Imperador tornou a sorrir, acariciando-me de novo, enquanto eu lhe dizia:

— Sim... mas o que me trouxe aqui não foi para dizer de quem sou filho. O que eu

(*) D. Pedro II partiu de Rio de Janeiro no dia 10 de Junho de 1895, com seus dois genros, o bravo Marechal Conde d'Alva e o Duque de Saxe, a bordo do vapor nacional Santa Maria, servido de transporte de guerra (guerre) que continha tropas; e, depois de uma penosa viagem de mais de 400 leguas a cavallo, por caminhos quasi impracticaveis na estação in-

verno (era no rigor do inverno), chegaram finalmente a Uruguayana, onde, á bordo de um vapor brasileiro de 30.000 toneladas, chegou no dia 15 de Setembro, a capital do Rio Grande do Sul, onde se encontrou com o General Balthazar de Almeida e o General

um homem subtrahido da condição do mole em que se achou pela força irresistível das suas duas inclinações naturais.

E por faltar em inclinação natural, até em amor, que é a mais natural das inclinações humanas, o Imperador foi roubado pelo seu implacável destino. As conveniências sociais impuseram-lhe até a designação da própria esposa, quando a todos os outros homens é reconhecido o sagrado direito de escolher a eleita do seu coração. Usaram para isso dos mais ignobres estratagemas! até lhe apresentaram a gravura de um typo de belleza, dando-lhe o retrato fiel da princesa que deveria ser a sua consorte...

Casou-se, pois, sem amor; mas sorri-lhe a sorte pela primeira vez, proporcionando-lhe uma compensação merecida. A digna Princesa que compartilhou de seu throno foi sempre o modelo das mais proclamas virtudes. E se a morte lhe arrebatou impiedosa os fructos desse commercio, na única herdeira sobrevivente deixou D. Pedro II a constante zeladora e digna continuadora da sua grandiosa moral.

O nome de Isabel — a Redemptora, é a synthese da abolição do elemento servil. Ella bem sabia que sacrificava o seu throno ao libertar uma raça, que até hoje

lhe não deu o menor testemunho de seu reconhecimento. Mas não teve vacillações, libertou-a! O 13 de Maio é um Thabor e um Calvario: ha nesta data uma transfiguração e uma cruz. Póde-se-lhe applicar, a ella, a digna filha de D. Pedro II, o verso de Virgilio: — *Dux femina facti*. (*) «Foi uma mulher o capitão desta acção!»

Mas esta mulher era a interprete dos sentimentos de um homem, seu pai, que em 1840 libertou todos os escravos que herdara; e quando a Ordem dos Benedictinos, em 1866, proclamou a liberdade dos filhos de seus escravos, o Imperador foi pessoalmente ao mosteiro de S. Bento felicitar o Abade Geral, a quem entregou em mão propria uma condecoração.

Tinha D. Pedro II por esse tempo o uso-fruto de certo numero de captivos, chamados «escravos da Coroa», quando eram escravos da Nação. O Imperador, porém, considerou-os sempre como seus protegidos; recebiam salário mensal e os seus filhos frequentavam a escola que o Soberano fundou para os filhos dos empregados da imperial quinta de S. Christovão. E isto depois de ter libertado, quasi trinta annos antes, todos os seus escravos de dominio particular, os unicos de que podia dispor livremente.

Durante a guerra do Paraguay favoreceu a libertação dos escravos que quiseram tomar armas, e em sua fazenda de Santa Cruz encarregou-se da educação dos filhos dos libertos que partiram para a guerra, libertando á sua custa as mulheres e filhos desses defensores da Pátria.

Partiu elle próprio para essa guerra, como já ficou dito. Profundo conhecedor do coração humano, religioso por instincto e sceptico pela illustração, creou para seu uso uma especie de philosophia piedosa e altruista, afim de poder, sem nunca melindrar a consciencia e o dever, perdoar de preferencia a ter de punir, não transigindo porém em assumptos que se prendessem ao respeito ás leis e á dignidade nacional.

Quando voltou da guerra do Paraguay, em um terrivel momento de desanimo do seu Ministerio, que servia mais aos subalternos interesses da politica interna do que aos altos intuitos dos deveres patrioticos, atrevendo-se o presidente do conselho de ministros a consultal-o sobre a conveniencia de se chegar a um accordo com o tyranno inimigo, o Imperador, sempre delicado e modesto, desta vez perdeu a calma, ergueu-se, indignado, impellido pela sagrada colera de Jesus quando expulsou os vendilhões do templo, bateu com

o punho cerrado na mesa dos despachos e bradou :

— « Nunca ! Nós não provocámos a guerra, não proporemos a paz ! Se o sacrificio é enorme, maior seria a humilhação. Agora, é irmos até ao fim ! Eu partirei de novo para a guerra, se se tornar precisa a minha presença lá. Trocarei o throno por uma tenda de campanha. E quero ver se ha algum Brasileiro que não me acompanha ! »

(Continua.)

Mucio Teixeira.

(*) *Eneida*, canto I, verso 364. — M. T.

HOMENS DO MEU TEMPO

O Imperador D. Pedro II

(Continuação)

A sua acção pessoal foi memorável durante aquelles cinco annos de fagendas épicas, além do sacrificio de uma viagem penosa, percorrendo a cavallo a vastidão enregelada da savana gaúcha varrida pelo misuano cortante, dormindo em uma barraca no meio dos acampamentos; a sua proverbial actividade augmentou: visitava arsenaes e hospitales de sangue, passava revista ás tropas, conferenciava com os commandantes de corpos, de brigadas, de divisões, do exercito em operações, a todos animando, instruindo, aconselhando.

Além disso, cedeu para as despesas da guerra a quarta parte da sua lista civil, quasi toda já consagrada mais ao seu povo do que á sua familia. Era grande o numero de moços intelligentes que se educavam á sua custa e de familias pobres a quem dava pensões mensaes. Nunca viu maior desprendimento pelo dinheiro. Quando se tratou da sua primeira viagem á Europa, a Camara dos Deputados manifestou a intenção de decretar valioso subsídio para os seus gastos em tão longa excursão. O Imperador recusou-o.

Sabiam todos que não havia reserva nos cofres da mordomia da casa imperial. E nas duas viagens subsequentes procedeu com identico desprendimento. Mesmo depois de deposto e desterrado, quando tão precarias eram as suas condições inesperadas, pois ainda assim rejeitou o subsídio de cinco mil contos e da manutenção de oitocentos contos annuaes, com que o Governo Provisorio tentou habilital-o para condigno estabelecimento em paiz extrangeiro, dizendo que esse improvisado Governo «não podia dispôr discricionariamente dos dinheiros publicos».

Quando partio para a guerra do Paraguay, o enthusiasmo popular resolveu erigir-lhe uma estatua, organizando-se immediatamente commissões, para distribuirem as numerosas listas de assignaturas, que iam sendo cobertas com a maior sofreguidão. Assim que o Imperador voltou, ao ter conhecimento disso, chamou os promotores da idéa, e, assignando quantia igual á somma total dos dinheiros recebidos, disse-lhes que desejava ser ouvido quanto á execução material do monumento: que queria que fosse, não a sua figura perpetuada em mar-

more ou bronze, mas quatro edificios consagrados á instrucção popular. E foram assim edificadas as escolas do largo do Machado, da rua Senador Corrêa, da praça Onze de Junho e da rua da Harmonia.

Citarei aqui mais um rago da superioridade moral que o caracteriza. Uma tremenda crise financeira assobrevinha o país, em consequencia dos grandes gastos durante a prolongada guerra contra o tyranno do Paraguay. Basta dizer que tres dos mais importantes bancos da praça do Rio de Janeiro suspenderam pagamentos, arrastando na sua quebra centenas de casas commerciaes, produzindo verdadeiro pânico no seio da população brasileira.

Appareceram então uns ineditoriaes no *Jornal do Commercio*, tratando de economia politica, firmados pelo pseudonymo de Veritas, onde se patenteava a proficiencia do seu mysterioso autor. O Imperador encarregou o Presidente do Conselho de Ministros de indagar da autoria desses artigos, e que uma vez conhecida, o convidasse em seu nome para assumir a direcção da pasta da Fazenda. Dois dias depois, quando se reuniu o Ministerio para o despacho imperial, D. Pedro II foi logo perguntando pelo resultado da incumbencia dada ao seu primeiro Ministro, que teve a ingenuidade de responder-lhe:

— Senhor, se Vossa Magestade nosse

quem é Veritas...

— Basta: já sei, já sei... Bem vejo que não pôs conhecer. Olhe, Sr. Presidente do Conselho, quando lhe confiei essa delicada missão, eu já sabia que Veritas era o pseudonymo de Dr. Joaquim de Barros Torres Homem, o autor de *Flagello*, livro revolucionario onde eu, minha mulher e minhas filhas fomos cruelmente tratados... Mas eu não posso collocar as meus sentimentos pessoais acima dos interesses da meu povo. Atravessamos uma crise economica e financeira das mais agudas, e eu hei de poder dizer dos meios praticos para atenuala, não vou eu, já convidado em meu nome a vir à minha presença.

Não só a respeito a pasta da Veritas da Fazenda era confiada a confiança do violento pamphletario republicano, que envolvia em seus ataques a constituição politica financeira. Mas impetrou o ministro da Corte, ao apresentar-se ao Imperador, proferir a celebre phrase: — *olhar, para os grandes crimes as grandes consequências...*

A imprensa da opposição se levantou com o seu clamor revolucionario e, em 1890, D. Pedro II, depois de uma

malta escrever uma lãna sobre assuntos politticos, desde o momento em que tivera a certeza de que Sua Magestade Imperadora e mais absoluto silencio sobre uma açãõ que o apresentava a seus olhos tal qual era o seu magnânimo protector. O Imperador convidou-o, então, para pôr o seu talento ao serviço do paiz; e a sinceridade do offerecimento determinou a acatãõ do convite.

Poucos dias depois esse jornalista era nomeado consul privativo do Brasil em Baltimore. E quando foi despedir-se do Imperador, offerecendo-lhe os seus prestimos pessoais na America do Norte, como terminasse por lhe pedir as ordens, D. Pedro II disse-lhe:

— Não tenho ordens a dar-lhe. Sómente faço votos para que preste tão bons serviços ao Imperio na Republica para onde segue, quantos prestou à Republica no Imperio do Brasil.

Os Principes D. Pedro e D. Augusto, filhos da Princeza Leopoldina, foram creados e educados pelo avô. Um era a antithese viva do outro. D. Augusto era uma segunda edição de D. Pedro I, com todas as suas audacias e diabruras; D. Pedro fazia lembrar o segundo Imperador nos tempos da juventude. Cansado da inutilidade dos seus esforços, o avô, não teve remedio senão fechar os olhos aos desregramentos do official de Marinha; entretant não perdia de vista um só passo do es-

tudante de engenharia civil, no qual se via reproduzido tanto no physico como no moral.

D. Pedro era um rapaz exemplar, tímido mesmo, entregue dia e noite aos seus estudos, às suas riquissimas collecções numismaticas e mineralogicas, ao seu opulentissimo herbario, onde havia os mais raros exemplares da nossa luxuriante flora. Muitas vezes visitava um ou outro collega, gostando recebê-los na quinta de S. Christovão e só no ultimo anno de sua residência na patria em seu palacio da rua Duque de Saxe.

Gostava, porém, de ir uma vez por semana à casa de uma formosissima parente, que morava no Rio Comprido, onde era recebido com especial agrado. Pedio-me uma occasião que o acompanhasse a essa casa, pois havia lá um baile, e só voltando commigo elle poderia entrar no paço depois de fechada a portaria das damas.

Fiz-lhe a vontade e regressámos depois das tres da madrugada. O Imperador, que o não perdia de vista, notou que elle sahia em trajes de baile.

Comprehendeu tudo, e à hora de recoher-se, em vez de ir para os seus aposentos, fol-se deitar na cama do neto, permanecendo allí, a ler, até que elle chegasse.

O joven Principe ao entrar, muito satisfeito, recuou apavorado ante a inesperada appareição daquelle sombrio fantasma

de cabelos brancos, estendido no seu leito, a ler serenamente o Dom Quixote...

— Vovô!?,...

— Tranquilla-te, meu filho, que sou eu. Uma cama de rapas solteiro não deve ser abandonada durante a noite inteira. Vi-a tão solitaria, vim fazer-lhe companhia. Peço-te apenas que não me obrigues a repetir estas noitadas, os velhos não devem também alterar os seus hábitos, e só tu me obrigarias a fazer isto.

Ergueu-se, metten no bolso de chambre o volume de Cervantes, tomou o castiça onde ardia bruxoante um tóco de vela, e sahio silencioso, estendendo-se atraz de si a sombra que com elle desapareceu. Imaginem o meu constrangimento no dia seguinte, quando o Principe, muito arrependido, me contou aquillo. Pois o Imperador nunca me disse uma palavra nesse sentido.

(Continua).

Mucio Teixeira.

HOMENS DO MEU TEMPO

I

O Imperador D. Pedro II

(Continuação)

O Imperador debruçou-se do alto da montanha da sua posição social, para ver se via amigos dedicados, e só avistava subditos reverentes e attentos, que se curvavam measureiros aos seus menores gestos, quando o que elle procurava era uma dedicação independente e sincera como a de Goethe pelo venturoso Duque Carlos Augusto, na sua deslumbrante corte de Weimar. Eu me fiz estimar por Sua Magestade, porque fui sempre de uma selvagem sinceridade.

Pouco depois que regressámos da viagem a S. Paulo, notei no venerando ancão algumas intermittencias de memoria, além do que me disse um dia o Rafael, que seu senhor quasi não dormia, reclamando travesseiros mais altos, respirando com difficuldade, e melhorando quando já ia amanhecendo.

Eram os primeiros symptomas da terrivel e prolongada enfermidade, que se desenvolveu francamente em seguida, de maneira alarmante: conservando-o durante um anno em perigo de morte, servando um pouco até que se descompoz a turgente vida.

sumo, critério e diferenciadora. Satisfacção.

Mas a irradição superior de seu caracter consistia na bondade, na tolerancia inalteravel com que encara as misérias do mundo, piedade suprema de philosopho que vive a meditar e a soffrer.

Nessa outra visita que o nosso illustre compatriota fez ao Imperador, em Paris, o soberano prescripto perguntou-lhe:

— Recebes cartas e jornaes do Brazil?

— Sim, meu Senhor.

— Conte-me lá as novidades por mim.

Expuz-lhe detalhadamente o que sabia. O Imperador ouviu em silencio. Em seguida, com um suspiro:

— País é singular. Eu não tive uma só carta ou uma única folha. E' singular que ninguém mais se lembre de mim, para me dirigir duas linhas. Esqueceram-me mais depressa do que eu esperava.

— Não, meu Senhor, protestei. O nome de Vossa Magestade jámais será olvidado no Brazil. Crescem cada dia o respeito e o amor publico por Vossa Magestade.

— Mas então isso se dá de modo assaz pletónico e demasiado abstracto. Porque não me escrevem? Ha pessoas cujas letras me dariam tanto prazer!...

— ...o espirito patriótico de Vossa Magestade, retorquiu um dos circunstantes, não se contrange com as desgraças que decantam-se sobre o nosso paiz? Não desejaria voltar para restaurar alli o regimen da justiça e da liberdade?

— Certamente. Succedem alli factos que me fazem soffrer muito. Por exemplo, a noticia de que pretendem ceder aos argentinenses parte do territorio das Missões; isso nunca! Nós é que podemos adoptar a divisa de Julio Favre: «nem um palmo do nosso territorio, nem uma pedra das nossas fortalezas». Contamos a nosso favor o direito e a força. Como transigir nessas condições? Foi o meu empenho sagrado conservar o Brazil unido e integro. Reside nessa homogeneidade individual a nossa grandeza.

Na palavra de D. Pedro, tarda e difficil de ordinario, palpitava de ardor, a que o seu venerando aspecto, a sua autoridade moral, os nobres impulsos a que obedecia communicavam eloquencia irresistivel.

— Quanto a voltar... continou, mais baixo — se me chamarem estou pronto. Mas não quero voltar sem antes ter visto e ouvido tudo. Não se me chamarem expontaneamente. Não. Pusram-me para fóra... tornarei, se se convencerem de que me cumpre tornar. Conspirar, jámais. Não se coaduna com a minha índole o meu character, os meus precedentes.

Seria a negação da minha vida inteira. Nem autorizo ninguém a conspirar em meu nome ou no dos meus. Ao povo brasileiro assiste pleno direito de se governar como entender mais abertado. Se desejar de novo a minha experiência e a minha dedicação por elle á testa da sua administração, que o diga claramente e sem constrangimento. Obedeerei sem vacillar, á custa embora de arduos sacrificios. Do contrario, não e não.

Em seguida, com simplicidade e sangue frio adoráveis, relatei alguns episodios do dia 15 de Novembro de 1889, com relação á sua individualidade.

— A Historia me fará justiça, eis a minha fé consoladora. Atribuíram-me phrases que não proferi, actos que não pratiquei. Aceitei os acontecimentos sereno e resignado. Uma coisa unica me incommodou de véras: o apparatus da força desenvolvida em torno do paço da cidade; soldados a pé e a cavallo, guardando todas as portas, apontando para mim e para a minha familia armas ameaçadoras, como se fossemos réus e capazes de nos evadirmos.

Pois não bastava para segurança delles a minha palavra?... Havia um official de cavallaria que da praça observava todos os meus movimentos, acompanhando-me como uma sombra se eu passava de uma sala

para outra. Senti impetos de sahir á rua para lhe dizer: — «O Sr. não me conhece certamente. Não sou homem que fuja, ou me occulte. Excusa de molestar-se por minha causa. Fique tranquillo, que me encontrará sempre no lugar que me compete.»

Uma vez, perguntando ao nosso citado compatriota se assistira a uma conferencia de Jacintho Loyson, sobre a reforma da Igreja Catholica, sua digna Filha, a immortai Princesa Isabel, a Redemptora, exclamou:

— «Oh! papai, pois o Senhor iria ouvir um padre perjuro, o qual, sobre profanar votos sacrosantos, levanta-se agora contra a communhão religiosa de que fez parte?!...»

— Que tem isto? retorquiu elle. O ex-padre Jacintho pretende regenerar e não demolir a Igreja. Escutalo não importa adherir ás suas idéas, nem dar força á sua propaganda. E' mesmo um meio de poder combatel-a melhor, com pleno conhecimento de causa. Dênhis, é um homem intelligente, orador celebre, instruido, animado de fé. Querem saber de uma coisa? A mim não se me daria de ouvir o proprio diabo, se elle se propuzesse a realizar conferencias publicas.

— Oh! Papai!...

— Sim, senhora, o diabo em pessoa... Devia ser summamente curioso, mormente sobre revoluções... E desatou a rir, com tamanha bonhomia, de modo tão franco e contagioso, que mesmo a Condessa d'Eu o imitou.

Mucio Teixeira.

(Continúa).

HOMENS DO M. U. TEMPO

O Imperador D. Pedro II

(Concluido)

Muitos outros factos poderia eu ainda citar, se já não tivesse abusado tanto da benevolencia dos leitores. Creio, porém, haver demonstrado até que ponto ia a superioridade do homem na intimidade, graças à sua modestia, à sua tolerancia, à sua generosa e incomparavel bondade.

Poetas e eruditos, guerreiros e artistas, medicos e advogados, engenheiros e agricultores, industriaes e commerciantes, todos os que se lhe approximavam sabiam verdadeiramente encantados, pois para todos tinha uma gentileza, de todos conhecia os segredos profissionais, discutindo com a maior precisão os assumptos da competencia de cada um, revelando assim o mais amplo e o mais profundo conhecimento dos homens e das cousas.

Debalde as ruidosas fanfarras da galaninha proclamam pelas esquinas que a

lux de tão radioso espirito de ha muito se tinha embaciado pela enfermidade. Isto não é verdade. O Imperador manteve todas as suas prodigiosas energias mentaes até morrer.

Com o organismo debilitado, passou os ultimos annos cercado dos maiores carinhos e cuidados de sua amada filha, de seu digno genro, dos netos e dos poucos amigos que nunca o abandonaram; mas nem por isso alterou seus habitos de trabalho e de estudo, frequentando assiduamente os museus e as academias, acompanhando com vivo interesse todo o movimento scientifico e litterario, não apparecendo um bom livro que não lhe chegasse immediatamente ás mãos, não sendo executada uma grande obra, nem que fosse ouvil-a, não sendo exposto um quadro notavel, que não fosse vel-o.

A ultima vez em que sahio de casa, dá a prova disto. Foi na noite de 23 de Novembro; era uma segunda-feira, havia sessão do Instituto de França, na Academia de Sciencias, da qual o Imperador era socio. Devia-se proceder á eleição de um novo membro da douta assembléa. O Grande Brasileiro compareceu, votando por Boissier, que foi eleito. Ao sahir da atmosphera aquecida da sala do Instituto, foi dar um passeio de carro descoberto a Saint-Cloud, nas margens do Sena.

«A humidade enregelada do rio, o ar frio de um cahir de tarde de inverno, foram-lhe fataes. O Senhor D. Pedro voltou para o Hotel e nessa mesma noite sentio alguma febre e arrepios e frio. No dia seguinte estava melhor e pôde ainda dar um passeio. No dia 25 o seu estado aggravou-se de novo. A gripe tornou-se mais violenta; cedeu depois, e no dia 30 o doente achava-se de novo melhor. A 2 de Dezembro começou a sentir uma fraqueza crescente. Nesse dia foi vel-o toda a colonia brasileira (com excepção do nosso Ministro e dos nossos representantes diplomaticos em Paris) e muitas notabilidades parisienses que pelos jornaes sabiam do seu anniversario natalicio e do seu estado melindroso..

O immortal moribundo não pôde já receber todas estas homenagens, que muito gratas seriam por certo ao seu coração, pois, no exilio e desthronado, essas homenagens eram expressão sincera e desinteressada do sentimento de admiração e respeito que, em todo o mundo civilizado, cercava a grande figura de D. Pedro II.

No dia 3 o estado de fraqueza aggravou-se ainda. Foi admittido á presença do enfermo o Abbé David, sabio membro do Instituto de França, e a este sacerdote fez o Senhor D. Pedro a sua confissão. No dia 4 pela manhã o doente apresentou me-

lhoras consideraveis, mas pela tarde a febre augmentou rapidamente, chegando a 41 grãos ás 9 horas da noite. O Senhor D. Pedro de Alcantara começou a perder a consciencia, que pareceu recobrar, quando, ás 10 1/2 horas da noite, lhe foi administrada a Extrema Unção, pelo cura da parochia da Magdalena.

Entrou logo depois em agonia. Não teve estertores, nem revelou soffrimento. A sua respiração foi gradualmente diminuindo, e durante muito tempo apenas foi perceptivel. A' meia-noite e 20 minutos o augusto enfermo cessou de respirar. Uma intensa pallidez invadio-lhe a larga fronte e foi tudo.»

Agora... ouçamos mais um soneto do Imperador:

«Não maldigo o rigor de minha sorte,
Por mais cruel que fosse e sem piedade,
Arrancando-me throno e majestade,
Quando a dous passos só estou da morte.»

A roda da Fortuna não tem norte;
Conheço-lhe a inconstante variedade,
Que hoje nos dá continua f'licidade,
E amanhã nem um bem que nos conforto

Mas a dor, que excrucia e me maltrata,
Dor cruel, que o meu animo deplora,
O coração me fere, e quasi o mata:

E' ver na mão cuspir-me, á extrema hora,
A mesma boca, adulatora, ingrata,
Que tantos beijos nella deu outr'ora.»

Não é de extranhar que este trabalho, sendo de um poeta em homenagem a outro poeta, termine por uma poesia. Deixo em seguida a derradeira homenagem da minha gratidão á eterna memoria do meu magnanimo protector. Ell-a:

VISÕES DO EXILIO

I

Alto mar. Cal a noite. Num rochedo
Varrido pelos ventos ululantes
Um vulto permanece mudo e quêdo.

II

As longas vestes negras, oscillante,
Contrastam com a alvura immaculada
Das brancas barbas e das cãs brilhantes.

III

O olhar crava na abobada estrellada
E mergulha-o no céu, onde o metteram
Os fervores de uma alma atribulada.

IV

Desce-o depois ás ondas, que cresceram
Ao influxo da lua, — e as suas vistas
«Por essas longas aguas se estenderam»...

V

Quem és tu, triste sombra, que contristas
A própria solidão, na qual te ostentas
Como o heroe no campo das conquistas?

VI

Immovel ante a furia das tormentas,
E imperturbavel diante dos tormentos,
Que constante vai-vem de lutas lentas!...

VII

Sem maldições, nem pragas, nem lamentos,
Perdoaste os ingratos e os trahidores,
Sem armas, desarmando os mais violentos.

VIII

Filho e neto de reis e imperadores,
Imperador tu foste, e presidente,
Presidindo a um Imperio de esplendores!

IX

No throno, que era o asylo do indigente,
Cresceste tanto ao, olhos do Universo
Que outro rei jámais foi tão excellente!

X

E inda foste maior na dôr immerso,
Dando tanto, exemplos de estoicismo,
Que tamanho valor não cabe em verso!

XI

Das humanas paixões no paroxismo,
Brilhava o teu sereno olhar de sabão
Qual um raio do sol sobre um abysmo.

XII

(Como se manuseasse um astrolabio,
Fixou o olhar na abobada infinita,
E um suspiro tremeu-lhe á flor do labio) ..

XIII

O fluido astral, que na amplidão palpita,
Vibrou no corpo exaustão e na alma pura
Que, obedecendo ao Karma, não se irrita.

XIV

Elle sabe que a existência
Na prisão transitoria da existência,
Quanto mais soffre tanto mais se aperta.

XV

Tranquillo, com a nítida consciencia
De ter semeado o Bem no seu caminho,
Colher espera o Bem da Eterna essencia.

XVI

El, que do vasto mar no berborisio
Um rumor de plumagens agitadas
Partir parece do invisivel ninho...

É um pouco, com os seus olhos
 O seu olhar — a sua
 Sua expressão de amor e de

Seu olhar, com os seus olhos
 O seu olhar — a sua
 Sua expressão de amor e de

Seu olhar, com os seus olhos
 O seu olhar — a sua
 Sua expressão de amor e de

Seu olhar, com os seus olhos
 O seu olhar — a sua
 Sua expressão de amor e de

Seu olhar, com os seus olhos
 O seu olhar — a sua
 Sua expressão de amor e de

Seu olhar, com os seus olhos

HOMENS DO MEU TEMPO

I

O Imperador D. Pedro II

ARTIGO ADDICIONAL

Estava findo o meu modesto trabalho, cujo principal intuito foi mostrar o Imperador na simplicidade da sua vida intima, quando fui honrado com a seguinte carta, do maior valor scientifico e litteraria, que servirá de verdadeira chave de ouro á biographia de D. Pedro II, visto de perto.

Além da confirmação de que eu disse quanto ao polyglotismo do sábio Brasileiro, vejo por ella, com sorpresa, que meus filhos têm a subida honra de descender da mesma arvore genealogica de que descendia o meu magnanimo protector, pois são netos do Commendador João Francisco Velho, illustre Rio-grandense, que, como se vai ver, fazia parte da nobre progenie que partiu de D. Affonso III, bisavô do primeiro Duque de Bragança, ancestral do Imperador D. Pedro II.

Ainda mais, nesta carta do meu erudito collega e amigo Albino Costa, vejo confirmada a poderosa acção da lei atavica, que prende a minha actual inclinação theosophica ao grande occultista do seculo XIV, Dr. Gil Velho Cabral, Bispo da Guarda, sábio mentor de D. Pedro I de Portugal, que tanto impressionou as Côrtes de Roma e Lisboa, realisando o phenomeno esoterico que tres seculos depois foi reproduzido por Paracelso.

Eis a preciosa carta a que me refiro:

DOM PEDRO II SABIO E POLYGLOTA

«Caro Nacio Teixeira:

Lendo o vosso brilhante trabalho sobre a vida intima do vosso imperial amigo, peço licença para concorrer á monumental reconstrução que fizestes da personalidade historica de D. Pedro II, o imperante cuja superioridade moral transformou a corte do seu tempo num vasto scenario de homens de bem e cujo patriotismo fez do Senado um pinho de aguas e uma reserva de estadistas. — com a prova documental da vossa affirmativa referente aos conhecimentos philologicos e polygloticos do segundo Imperador do Brasil.

A prova material a que me refiro e muito gostosamente exponho ao vosso exame, é constituida por dous trabalhos preciosos de D. Pedro de Alcantara. Um delles é um livrinho, a melhor joia de minha bibliotheca de philologos e historiadores vernaculos. E' um volumezinho encantador, cuidadosamente impresso em tres idiomas — hebraico, provençal e francez — intitulado *Poésies Hébraïques-Provençales de Samuel Ierséltte Cantadine, traduites et transcrites par S. M. Dom Pedro II d'Alcantara* (assim se lê na capa), *Soguis Frères, imprimeurs-éditeurs — Avignon — 1891.*

A outra obrinha se denomina *Souvenir*. E' uma carta em papel-cartão, abrindo em tres folhas, todas ellas escriptas de proprio punho do Imperador, contendo trechos originaes em 12 linguas, exemplar precioso que vos offereço em photographia para que, desta cópia façaes o uso que quizerdes, pois o original pertence ao nosso intelligente amigo commum, Dr. Oscar de Motta Maia, a quem foi elle doado por seu augusto Autor, como premio nos exames a que Sua Majestade presidio no Instituto Steniles, de Cannes, em Novembro de 1890, sendo então alumnos examinandos dous netos de D. Pedro II, filhos da Princesa D. Isabel, D. Pedro e D. Luiz, e os meninos Oscar e Manoel Augusto, filhos

de Conde de Motta Maia, notavel medico, lente da nossa Faculdade de Medicina, e leal amigo do imperial desterrado, cuja dedicação por em destaque o seu bello caracter, acompanhando na adversidade e pobreza o ex-imperante até aos ultimos escuros dias de seu exilio.

Este autographo é de um valor decisivo como attestado dos profundos conhecimentos e vasta illustração do vosso nobre amigo. Vou transcrever deste codice alguns pensamentos e sentenças de quatro das 12 linguas em que elle está escripto, e não podendo fazel-o na graphia de cada uma dellas, reproduzo sua escriptura em italico, na forma e do modo que esta tambem se contem no original e dou a seguir sua traducção em portuguez:

(Hebreico) — *Ascherê adâm mîcâ hek-mâh neadâm yâphik tebânâh* — «Folha o homem que encontrou sabedoria e ganhou intelligencia.»

(Arabe) — proverbio: *Adabulmari khair miu dhahabihê* — «A educação do homem é melhor do que o seu ouro.»

(Sanskrito) — *Sawadruvyeshu vidjawa draryem ahur aouttamani* — «De todos os bens e sciencias é o melhor.»

(Persa) *Tâ beschâghirbê ô tu ustâdem, etc.*: «A aprendizagem desde que nolle entrei me fez chefe.»

Seguem-se, igualmente com a traducção

francesa, na ordem de sua collocação no autographo: dois versos em lingua original de Ovidio; um terceto de Dante, a oitava 97 do canto III dos *Lusíadas*, de Camões; uma estrophe de Campeamor, da sua lingua; uma quadra de A. de Vaquerie; um apologo em idioma russo; um versiculo allemão de Schiller; um ingles de Taylor; um pensamento em grego, concluido pela seguinte declaração abaixo de sua assignatura: — Membre de l'Institut Historique, de Flo; Associé étranger de l'Académie de Sciences de Paris; Membre de la Royal Société de Londres; de l'Académie Impériale de Sciences de S. Petersbourg; de celle de Moscow, e d'autres sociétés scientifiques et littéraires dont je si oublierai jamais la gracieuseté envers moi.

Na face da carta que estou descrevendo ha ainda, escripta pelo Imperador, a data de sua entrega, como premio ao alumno Oscar e a assignatura do offerente: Copenhague, 19 de Novembro de 1890.

E' este um documento de inteira e absoluta autenticidade, preciosissimo, inestimavel, eloquente no seu valor intellectual e espiritual. Considere-se que este bello extracto dos labores scientificos de D. Pedro data de um anno apenas da sua expulsão do throno e banimento da Patria!

Outro homem, por maior que fosse sua grandeza moral, logo após a terrivel ca-

tastrophe politica que lhe rangou a purpura e lhe espedaçou o throno, arrastando-se de degraço e á pobreza, sentia o espirito de tal modo conturbado, que nenhuma incubração intellectual poderia mais produzir.

E' necessario collocar-se cada um de nós em sua contingencia pessoalissima, pensar na serenidade e liandade de suas produções para medir a estatura do seu espirito, com parallelo na historia de nenhum povo, de nenhuma época, a não ser talvez — não deus do espirito e da desventura — o seu desditoso antepassado D. Theodorico de Bragança.

Não seu monarchismo, pois durante os ultimos annos de Império assisti ao impudica propaganda da Revolução, e não duvidar D. Pedro II em passar, após ao seu attado negro de Francisco Rios de São Vicente de Fora, em Lisboa, quando pela primeira vez visitou a capital portuguesa. Foi em 1862, e não antes, que se realizou. Onze annos mais tarde, em 1873, voltou a visitá-la, e não mais voltou. E não profunde tristeza de ver o monarcha que sua popularidade em Portugal

...manter, D. Pedro e eu? A
...manter? Ou se devemos
...meticas da escola, como
...dynastia de Bragança, co-
...depois de sua morte, a
...seja a coroa, por qual-
...um necrotério de que um

...deve crear, quando ainda, um
...templo civil que será o Mo-
...patria, e que poderá per-
...dos seus grandes ho-
...quase, á frente e colmo de
...D. Pedro de Alcântara,
...da alma chystallina, a figura
...da bondade e da justiça, que foi
...o ultimo imperante, como o
...dos conselheiros; e seu pai, o primei-
...como fundador da maior na-
...que a raça latina já produziu
...o mundo.

O amigo de Dr. Oscar de Motta Maia
...autographos de S. Magesta-
...quase, tinha noticia de poesias
...que, um dia publicadas, em edi-
...livro o nome puro de D. Pe-
...a um lugar distincto no parapezo na-
...cional.

O Dr. Claudio Velho, Conde de Motta
...que tão abnegadamente se votou ao
...para acompanhar, como medico e

...e sagrado desterrado, e recebeu tão
...estes fragmentos litterarios
e scientificos, era — nem talvez o illustre
medico e escriptista — parente de D. Pe-
dro II, pelo Conde de Bolonha, que foi
D. Affonso III, de Portugal, 17º avô do
ultimo Imperador do Brasil.

Um dia, numa encantadora esolreea, na
residência de Dr. Oscar, tive occasião de
explicar a origem das *flores de lis*, distin-
ctivo das dynastias dos Reis de França, no
escudo de seu pai. Tres *flores de lis* bran-
cas em campo azul era o estandarte de
D. Henrique de Bourgonhe, pai de D. Af-
fonso Henrique, primeiro Rei de Portugal,
e pôde dizer-se que foi esse o primeiro
symbolo nacional portuguez. Mas o Velho,
que seu descendente Aires de Sá quer que
descendam de Chindasvinto, não aparen-
tam com D. Affonso I, de Portugal, não
podendo, portanto, seu escudo receber dalli
aquelle distinctivo. Recebeu-o, porém, mais
tarde, quando o Conde de Bolonha, aban-
donando a Princesa desse nome, sua mu-
lher, veio, em 1246, destituir seu irmão
D. Sancho II, e antes de fazer-se bigamo,
casando com D. Brites, filha de Affonso,
e Sãbia, de Castella, gerou um ramo bas-
tardo, cuja primeira Princesa foi D. Urra-
ca, e a cuja descendencia foi dado um es-

cada com cinco flores de No. Este ramo de sangue real veio a ter lúcido destaque na história de Portugal, e gloriosa actualização nos factos capitães da história do Brasil.

Foi um Velho, João Velho, que foi a Aragão buscar a linda Princesa Isabel, depois Santa Isabel, para esposa de D. Diniz. Entre os maiores poetas da corte deste Rei académico, creador da poesia portuguesa, fulgura Fernam Góes, a terçar rimas com o real poeta, que foi o maior Rei do seu tempo.

No século seguinte, encontramos o famoso cientista, deão Gil Velho Cabral, Bispo da Guarda (*), casando secretamente seu terceiro primo D. Pedro, depois Pedro I, com a bella Ignez de Castro, de cuja alliança clandestina nasceu o grande Mestre de Avis, pai do primeiro Duque de Bragança, provindo, como os Velhos, de bastardia, ratificando depois D. Pedro I, sobre o cadaver de Ignez o acto audacioso do Bispo seu primo.

No século seguinte, XV, Gonçalo Velho Cabral, primo em 6º grão de D. Henrique, o grande Infante de Sagres, e em igual grão parente do Rei philosopho e escriptor D. Duarte, inaugura as grandes navegações do Occidente, descobrindo os Aço-

res em 1482, 60 annos antes que por essa derrota Colombo descobrisse as Antilhas.

Mas, entrando em chelo na historia do Brasil, encontramos os membros dessa familia actuando decisivamente nos successos capitães da futura nacionalidade.

Pedro Alvares Cabral, neto de Gonçalo Velho, obedecendo ao roteiro traçado por Vasco da Gama, que vira e demarcara terra 300 leguas a sudoeste de Cabo Verde, fez a inauguração official do descobrimento do Brasil. Um dos descendentes desta familia, lavra a primeira acta de adhesão do Brasil á coroa portugueza, em 1640, quando a este lado do Atlantico chegou a noticia da independencia de Portugal, que em 1580 havia cahido no dominio da Hespanha como herança de Felippe II, neto de D. Manoel I.

Em 1747 um outro Velho (Feliciano Velho de Oldemburg), contrata o engajamento e condução de 4.000 familias açorianas para povoar o sertão do Rio Grande de S. Pedro do Sul, diz a cedula real de D. João V, assim denominando não só a vossa feliz terra gachea, como a campanha da Colonia do Sacramento, depois Cisplatina, e o continente da ilha de Santa Catharina.

Effectivamente, deste contrato de Fel-

clano Velho com a corôa, promanou todo esse escol de famílias e cidades rio-grandenses e algumas do Uruguay (Salto e Paysandú), de que hoje com razão o Brasil se orgulha por ser essa admirável terra gaúcha a mais rica e productiva região da constellação brasileira.

Não foi extranho a esse contrato, quanto á qualidade dos emigrantes (os açorianos pertencem á nobresa portugueza e por isso se mantiveram no Rio Grande do Sul sem cruzar-se com índias nem com negras), e quanto ao destino, para que o tratado de limites, já em preparo com a Hespanhá e que se celebrou tres annos depois, em 1750, encontrasse povoadas de Portuguezes as terras limitrophes no Sul — o insigne patriota e insigne poeta Alexandre de Gusmão, santista, irmão do famoso Padre Vovô — Bartholomeu de Gusmão.

Mas, o parallelo-historico mais interessante e mais em connexão com o fim destas notas, entre o Rei D. Affonso III, em 1250, e D. Pedro II, do Brasil, em 1890, não é de ordem politica; é litterario e scientifico.

O Conde de Bolonha voltou do exilio em 1246, trazendo consigo um lusido sequito de fidalgos, guerreiros, poetas, jogruens; e tomando o throno de seu irmão

D. Sancho II, deposto pelo Papa Innocencio IV, começou a usar a bella lingua provençal, nos sarões da corte lusitana, os jogos floraes e costumes da brilhante Tolsa. Fez mais: excommungado pelo Papa por se casar com a Princezinha D. Brites de Castella estando viva sua mulher a Condessa de Bolonha, rompeu com o Pontifice da religião e aboliu o latim dos documentos officiaes, começando então a apparecer, pela primeira vez esta nossa lingua portugueza, já destacada da gallega, que era então a lingua geral da Hespanha christã (Galizia, Castella, Leão e Oviado,) como se verifica hoje pelas cantigas de Affonso o sabio, em lingua que os philologos denominaram Gallalho-Portugueza.

Mas a lingua portugueza, que emerge da lusida corte provençal do Conde de Bolonha, tem tanto do gracioso dialecto de Avinhão, (onde o Imperador emigrado do Brasil publicou em 1891 as suas *Pedras provençaes*), de Tolosa e da Gasconha, que parece um ramo da languedoc generalizada pelos romanceiros, poetas e jogruens, da época.

O Rei D. Diniz, creador da poesia portugueza, tendo por professor o poeta provençal Emeric d'Ebrard, já então versifica deste modo, na corte de seu pai D. Affonso III:

Quer' eu en maneyra de provençal
fazer agora um cantar d'amor,
e querrey muyt'i loar mha senhor,
a quen prez, nem fremusura nen fal,
nen bondade, e maye vos direy en
tanto a fez deus comprida de ben
que maye que todas las de mundo val.

(Cancioneiro P. da Vaticana, 123
pg. 25.)

Póde dizer-se que esta lingua affasta-se
tanto do gallego das Cantigas contemporâneas
de Affonso o sabio, como do legítimo
provençal que lhe deu molde e corpo,
como se vê em D. Diniz e Fernam Affonso
Velho. Este, trovava assim:

Senhor o mal que me fazeis mi fazeis amor
e o gran coysa que mi fazeis sofrer.

D. Pedro de Alcantara identificou-se
tanto com estes alhores da poesia portu-
guesa, que verteu de rito hebraico para a
lingua franceza versos cantados em seis
syllabas e os reproduz em deca-syllabas
com o mesmo rythmo e technica da ly-
rica luso-provençal do Século XIII.

Eis a amostra de Imperial poeta com
que abre o 1.º Flôr:

«J'ouvre mes livres en jubilation»

O emmerado volume das Poésies Hébraï-
co-Portugaises de D. Pedro II, compõe-
se de uma credda introdução e notas que
occupam 15 paginas, 100 Flôres ou cantos
da liturgia hebraica, traduzidos em pro-
vençal e francez, como se já infernei.
No verso de cada poesia, entre impressos
se põem as correspondentes significas da lin-
gua hebraica.

O Flôr hebraico termina com um poema chal-

deu de D. Pedro II, do século XIV.

...provençal, denominado *Nol-Gabriel* (um cabrito) com um sub-título: *Loude de Gerdébuda*.

«A versificação destas poesias é bastante irregular e difícil de definir» diz D. Pedro.

Na versão francesa, a metrifcação é efectivamente muito variada. Não existe a provençal, onde predominam os versos de seis syllabas, especialmente no 3º Píeu das Ovas:

Tan qué avén lou cor gal,
Chacun soun noum bendira...

O 3º Píeu, são obras á approximação do Píeuim (gusto de Esther). A ode *Un cabri, de Chaldou em Provençal*, também é de seis syllabas:

A mangia lou cabri,
Hia-gadiá! had-gadiá!

Não entendendo o hebraico, nem os cantares dos seus obros, e desejando informar conscienciosamente sobre a technica dos versos provençaes, recorri a um poeta israelita do século X, conhecido pelo nome de Judou d'Elivas, que publica seus obros no mesmo metro de seis syllabas, tal como 500 annos depois o fez o poeta imperial do Brasil.

Vê-se bem que o sábio Imperador estudou a fundo a estrutura destes radios cantares, que representam a alegria, a creança, a felicidade.

«Os obros são cantados no lar, diz o imperial poeta, na festa da circumcisão e na camara da parturiente, junto ao leito ornado de fitas e de flores, onde brilham os ricos presentes feitos ao recém-nascido.»

Como foi que D. Pedro II teve tempo para aprender tudo isto?

Responde, cedendo a S. Magestade a palavra — que nunca foi contestada, nem sequer posta em duvida. Nas paginas XII e XIII da introdução informa o imperial escriptor e eu concino copiando na propria lingua em que elle escreveu:

«Quant à l'historique de mes études de l'hébreu, entreprises dans le but de connaître mieux l'histoire et la littérature des Hébreux, principalement la poésie et les prophètes, comme aussi les origines du christianisme, elles remontent aux années de paix avant la guerre du Paraguay, en 1865. J'ai abordé ces études pendant un de mes séjours à Pétersbourg, avec M. Akerblom, juif suédois; plus tard, je les ai reprises avec M. Koch, ministre protestant allemand, précepteur du fils de Mme. la Comtesse de Barral, gouvernante de mes filles; après la mort soudaine de celui-ci, je les ai conti-

nus avec le docteur Henning (mort à Darmstadt, 1888) et, depuis 1886, avec mon savant collaborateur et professeur de langues orientales, le docteur C. F. Seybold, avec lequel j'ai aussi continué l'étude sérieuse de l'arabe — commencée jadis avec le Baron Schreiner, ministre d'Autriche au Brésil, que je connaissais de l'Egypte). — d'abord, comme indispensable pour une connaissance approfondie de l'hébreu, mais aussi à cause de sa très riche et fort intéressante littérature. J'ai entrepris aussi la première traduction portugaise — d'après l'original — de *Méle* et une suite, laquelle, cependant, n'est pas encore trop avancée. Pendant mon séjour à Cannes, le Grand Rabbin B. Mossé, d'Avignon, m'a fourni l'intéressant *Rituel Contadina*, que contient ces textes mixtes fort curieux, et il a bien voulu prendre part à l'impression. » *Vichy, 1er Août 1891. D. Pedro d'Alcantara*.

E' pois livro unico na litteratura nacional e que me consta seu sabio quão modesto autor não teve em sua terra quem o excedesse em conhecimentos polygloticos scientifico-litterarios.

Eis ahí, illustre collega, a minha contribuição á vossa tão brilhante quão opportuna historia intima do Grande Brasileiro que a posteridade ha de collocar á frente dos maiores homens de nossa terra.

Rio, 23 de Abril de 1914.

Albino Costa.

Chamo para este preciosissimo documento historico, que tanto honra ao Sr. Albino Costa, a attenção dos espiritos mais reflectidos, dando graças á minha boa estrella que assim me proporciona o ensajo de ver tão cabalmente demonstradas as minhas obscuras, mas sinceras impressões pessoais; e isto comprovado por duas provas materiaes que são indubitavelmente unicas na litteratura brasileira.

Mucio Teixeira.

Rio, 23 de Abril de 1914.

HOMENS DO MEU TEMPO

II

Lopes Trovão

João Lopes da Silva Trovão nasceu (a 22 de Maio de 1847), nas ermarias e poeticas praias de Angra dos Reis; e é por isso, naturalmente, que passou pela mocidade a desencadear tempestades, tão communs nas latitudes do seu berço, como justificadas no ribombo onomatopico do seu retumbante tam de guerra.

— «Nasci entre a floresta e o mar (disse-me elle): a floresta povoada de sombras e o mar assombrado de tempestades. E quem affrontou as grandes convulsões da natureza, desdenha as pequenas agitações humanas.»

Quando lhe communiquei que ia tratar d'elle aqui, para que me fornecesse apenas as datas, pois que de tudo mais faço timbre em me firmar nas proprias reminiscencias do nosso passado, vivido sempre na maior intimidade, deu-m'as, fazendo questão de que o pintasse na infancia, unico periodo da sua vida que não conheço, fornecendo-me para isso estes apontamentos:

— «Eu creci á riba-mar, numa ilha de pescadores, boa gente, que, sem cansar, falla muito, a voz em grita, para dominar o marulho das grandes aguas salgadas que lá granizam com o vento leste desde que o dia sahe até que entra na casa do Nosso Senhor Jesus Christo.

Beirava os quatorze annos e meio quando morreu Pedro V: e meu pai, que era autoridade consular no meu municipio, perguntou-me se eu seria capaz de fazer um discurso nas exequias que, por iniciativa sua, iam ser celebradas pelo melancolico Rei portuguez.

— Até sou, — respondi-lhe com a segurança de quem seria capaz de fazer mais tres ou quatro sobre o mesmo assumpto. — Pois então val escreve-lo, — mandou elle. — Para que? — Interroguei-o. — Para o leres, ou recital-o de cór, — condicionou-me. — Não preciso, — acudi peremptoriamente.

Meu pai fitando-me com o seu profundo olhar penetrante e incisivo, e tendo na boca a fina expressão de um sorriso que me desencantou, prometteu-me um terno de camiz e um chapéo de pello se eu fizesse o discurso... contando que fosse escripto, para farrar-me á impressão perturbante dos auditorios numerosos e sollemnes.

Ora... com o publico eu já me havia me-

isto por algumas vezes: uma, nas ruas, como enje-cantor numa procissão de sexta-feira da Paixão: tres ou quatro, cantando as lamentações de Jeremias, na Igreja Matriz; e as outras, do palco, representando a parte de lambiscão num drama muito delirante, intitulado *Lois*; e o papel de uma coadjuva de locanda, bastante desenvolvida, com mostruosa sarrahulhada melo-dramática que figurou no cartaz com o nome apavorante de — *Os abraçadores*.

Nestas exhibições, pelo meu desembaraço percebi confesadamente meu pai, que ficava em todas ellas o meu ensaiador. — Saio-me melhor do que eu pensava, — dizia-me elle. Não foi, portanto, o recelo de que eu exhibisse diante do publico; não. A severção que me aconselhou provinha factivamente da nenhuma confiança que depositava na minha capacidade improvisativa; e a promessa que me fez visava certamente accommodar os melindres da minha susceptibilidade de orador da heresia.

O meu primeiro movimento foi de repulsa: porque meu pai pretendia cotromper-me, gobrando-me pelo interesse à sua

Falta, não se sabe, se para melhor ou para mal uma vez conhecido de sua mulher e Dr. Lopes Trovão assumiu a ciência de tudo isso de uma só vez, com alguns detalhes necessários, chegando mesmo a brincar de fazer uma jovem laboradora distinguindo-se pelo Rago Coar e o Torvos Homem. Não é o que se dizia na nossa vida; por consequente, falta de cultura, ficando apenas com as mãos de la mulher.

Dizei mesmo que para não elle foi sempre a mais completa negação da ciência que oficialmente representava, embora com que considero uma arte, dando que tem lá as graças para casos particulares; e chega até a supôr que, ou por não acreditar nos apêndices de Hypócritas, ou por não querer lidar com o padecimento das outras, Trovão teve a cautela de arripiar carreira, expando-se mesmo ás maiores vicissitudes, sem nunca mais exercer a profissão, e que pôde servir de pedra de toque de seu diamantino caracter.

A sua defesa de thesa foi um dos maiores escândalos daquelle tempo. Faltou, tendo sido recusada a que escrevera, sobre Pandemocrisia, se não me engano, disseram, então, sobre a Diarrheia. Jurando, ao defendê-la, estar disposto a vencer como Cambronne na batalha de Waterloo. E venceu, sendo aprovado plenamente.

Brigou elle um dia com o grande poeta Fagundes Varella, pela falta de hemistichio

num verso alexandrino e a rima de *lus* com *esues*. Ficaram a ferro e fogo, ao ponto de quasi chegarem a vias de facto... — Tens mais que perder, se o fizeses (disse-lhe o Varella), pois o teu fado é mais novo que o meu, além de mais caro e elegante...

Trovão não pôde conter o riso, vendo-se assim desarmado, mas continuou aborrecido, sem fazer as pazes. Estavam as cousas nesse pé quando o Varella, já tarde da noite, não tendo onde dormir, se lembrou de que a porta da republika do Trovão ficava aberta durante toda a noite. Dirigiu-se para lá, e entrou, já muito chumbado, depois de nutrida descarga alcoolica.

O Zé Lopes (como lhe chamavamos na intimidade) ainda estudava ou lia algum poeta, e que é mais provavel, pois já tinha de cór e saltada toda a *Republika Ideal de Platão*, sem esquecer os discursos de Castelar e Gambetta. Varella, deixando-se cahir sobre uma cadeira, que ne mais como tambem não cahio, mais pela velhice que pelo peso do fardo, disse que estava morto de somno.

O hospedeiro, lembrando-se de que o hospede não primava pelo ascelo das vestes, levantou-se paciente, separou os colchões, que estavam sobrepostos, collocando um em seguimento do outro, para que o unico traveseiro que havia pudesse servir a ambos, de modo que as duas cabeças ficassem unidas e os corpos estendidos

em sentido contrario.

No dia seguinte, porém... Herresco referens!... um dos collegas de Trovão tirou-lhe um pieiço, que punha uma mancha escura na lustrosa alvura dos collarinhos enormes e do mesmo feltro dos que ainda usa até hoje. — Não o mates! — bradou o Zé Lopes. — Não o mates, nem o deixes fugir, repetio, preparando um cartuchinho de papel: — Dá-m'o; — e guardou-o no bolso do collato, com todo o cuidado.

Andou o dia inteiro á procura do Varella, que só encontrou já tarde da noite. Deu-lhe, sem nada dizer, e insecto hemiptero e asqueroso, que só é parasita do homem que não tem pente fino; e o Varella, abrindo cautelosamente o mysterioso cartuchinho, viu que via o pieiço, sacudiu-o immediatamente sobre os seus longos e encaracolados cabellos loiros, dizendo: — Não imaginas a falta que me fazia; imagina que toda a familia d'elle, assustada com a prolongada ausencia do coltadinho, fez uma revolução na minha cabeça, procurando-o por todos os bulbos do couro cabelludo, causando-me uma comichão insupportavel!

A um lente, que o desconsiderara durante a aula, o Trovão ficou esperando, á porta do velho pardiello onde ainda funciona a fabrica de doutores, e, cercado dos condiscipulos, que irradiavam pela aproximação do escandalo, assim que o insolente

plisou no olho da rua, dente lupus, cornu taurus petido, o meu prezado Zé Lopes foi logo «abotoando-o», como se dizia na gíria do tempo, e perguntou-lhe:

— Sabe porque não lhe cuspo na cara? é só por não querer aviltar um escarro!...

Attribuiram-lhe a verídica anecdota do trocadilho do nome de outro lente, dizendo-se que, tendo o illustre Conselheiro Visconde de Saboya deixado de trata-lo com a devida consideração, durante a aula, o Trovão, assim que foi chamado á lição, começou por este calembourg: — «A sabedoria aprofunda-se no oceano das investigações, mas a ignorancia... essa boia á superficie dos charcos estagnados».

A phrase, realmente, parece d'elle; mas o facto deu-se com um irmão do celebre compositor Padre José Mauricio; e a confusão explica-se pela quilsilla do meu amigo com outro notavel docente, o eximio cirurgião Conselheiro Pertence, a quem disse: — «O doutor pertence de hoje em diante ao uso exclusivo da minha vie comica»...

Menino ainda, estudando as primeiras letras na terra natal, foi alvo da primeira manifestação popular. E' preciso saber que elle tem, até hoje, uma singular odiosyn-crasia: os ratos (sem allusão aos do Thezouro), causam-lhe um medo só comparavel á compaixão que sente pelos cães e os burros (não entram neste numero os bimanos), os burros principalmente.

Ora, muito bem. Destacando-se certo dia um ratão enorme da multidão dos roedores da ordem dos mamíferos munidos de dentes incisivos nas maxillas, sem caninos, como o esquillo (observem que procure imitar o estylo trovanesco), a sahida ou em demanda do collegio, atigado pelos meninos nas proximidades do litoral, Trevão, transido de terror, deixa cahir os livros, e, empunhando uma grande pedra, que só poderia sopesar movido pela exacerbação nervosa, que nos empresta extranhas energias, deixou-a cahir em chelo sobre o adamastorico rato, que assim morreu esmagado.

Apanhando logo os livros e correndo para o collegio, foi seguido, não só dos seus discipulos, como de numerosos populares, que por alli perambulavam á tóa, na indolencia crioula, todos enthusiasmados com o raticidio heróico, em delirante acclamação: — *Viva e em Xé Lopes!* — *Viva e enfe center da prociade de sexta-feira!* *Viva a criadilha da leocanda!* *Vivó...ó...ó!*... E elle só respondia, voltando-se para todos os lados: — «Obrigado, meu povo!»

Ao abandonar os penates espumarádos pelas marolas, foi, na Córte do Imperio, mettido no sombrio convento da Lapa, para instruir-se, sob as vistas de seu tio materno, Frei Lopes, um padre sceptico e livre pensador, que alli dispunha de tres amplas e arejadas cellas, uma para receber as visitas, outra com as estantes de livros e a mesa de estudo, que era a mesma das refeições, e a terceira com a cama para se pousar.

A estrêa do meu futuro companheiro e amigo, naquelle secular mosteiro, muito deu que fallar a toda a severa communiidade. Mettido um bello dia num quarto escuro, não sei porque diabruras perpetradas em tão santa mansão, como encontrasse a'li uma pipa cheia de tinta e uma barrica de areia, começou a passar a tinta para a barrica e a areia para a pipa, dizendo com os seus botões: — «*Pia o pinto e pinga o pipo, pia a pipa... e pinga o pinto...*»

Nesse demorado e renitente trabalho, suando como Sisypho, a rolar nos infernos a sua pedra enorme até o alto da montanha, de onde ella tornava immediatamente a cahir, entreteve-se o endiabrado menino durante todo o tempo da reclusão, até que finalmente lhe abriram a porta, sahindo elle d'alli com a cara e as mãos completamente denegridas...

Conduzido á presença do reitor, que a custo conseguio manter a precisa seriedade, disse, disse:

— Não admira que eu venha da cor do quarto onde me encerraram; se até a fealdade é contagiosa, como diz a cantiga, — «Você me pegou feiura em mim», — como não havia a escuridão daquelle quarto se reflectir no meu semblante?

(Continua)

Muito Felicidade

HOMENS DO MEU TEMPO

II

Lopes Trovão

(Continuação)

Perde-se na noite dos tempos a época em que o nome de Lopes Trovão começou a gozar da mais ampla popularidade, do Amazonas ao Prata e do Rio Grande ao Pará. Mesmo nas longínquas regiões do Acre e do Mato-Grosso este nome tem ribombado em tempestades de pólvora secca, como os coriscos e trovoadas theatraes. São proverbiaes, de Sul a Norte, as suas façanhas de estudante vadio e revolucionario, que frequentava mais assiduamente a tribuna popular do que os bancos academicos.

Não havia em toda esta cidade quem não o conhecesse, pois errava dia e noite pelas ruas e praças, fazendo a qualquer hora e com estardalhaço, a sua tenaz e eloquente propaganda republicana. O que elle queria era ver os reis esguedelhados e os bispos com batina esfarrabada... Era um

novo Sansão, sem se deixar tosar nem cegar por nenhuma Dalila de formosura perfida, querendo desmoronar as columnas do throno e do altar!...

Não ha, ainda hoje, quem chegue á cidade do Rio de Janeiro sem procurar conhecê-lo, ligar-lhe o nome á pessoa, que se destaca, logo á primeira vista, pela altura quasi igual á do Allemão da rua Sete de Setembro, e esgula como a do joven General Lauro Muller. E' notavel tambem pela petroniana elegancia, pela cabelleira de Yogo, caprichosamente empinada, fazendo lembrar a crista do gallo; o monoculo, sempre assestado no olho direito; os collarinhos em pé, altos e lustrosos; a gola do fraque, sem corte e decotada; o chapéo de pello, scintillante e alto, de abas grandes e curvilineas; o passo largo e desembaraçado, os gestos de natural distincção.

A nossa intimidade de trinta e sete annos, com passageiras interrupções durante as viagens de ambos, já é bastante longa, para eu poder garantir a sua lealdade, nunca desmentida com quem quer que fosse, e a sua generosidade, como adversario em idéas politicas e crenças religiosas, devido isto ao termos, os dous, a cautela de nunca discutir esses assumptos, que poderiam ferir mutuas e legitimas susceptibilidades.

Admiram-se alguns companheiros nossos

desta inalteravel convivencia tão intima, dizendo-se elle um atheu e sendo tão republicano; e conservando-me eu dentro do mais puro mysticisco, fiel á minha Dama e ao meu Rei, como monarchista cada vez mais convencido de que a desgraça da minha patria é devida ao regimen actual. E assim é que andamos juntos por toda parte, tanto na sua como na minha casa, só nunca nos encontrando dentro de uma igreja, nem mesmo no templo positivista.

Lopes Trovão redigiu commigo e o **Lins de Albuquerque** a *Gazeta da Noite* (1879); foi redactor do *Combate* e do *Mundo* (1892-1911); e publicou, além da these inaugural, os pamphletos politicos *O novo ministerio* (1880); *Cartas a D. Pedro II* (1881); *Compatibilidade e incompatibilidade dos republicanos com os cargos publicos* (1881); *Apontamentos para a historia dos E. U. do Brasil* (1890); e **Lopes Trovão no Congresso**, discursos que proferio na Constituinte, no Congresso e no Senado Federal (1891-1902).

O seu estylo é brilhante, imaginoso, salpicado de labores classicos, de uma saliente preocupação da fórma, com a fulguração de idéas bizarras e inéditas. Accusam-n-o de palavroso e ôco, mas não é tal: reparem, que a sua singular tecnologia é a mais viva expressão da sua personalidade, expansiva e empolgante. Elle não escreve um periodo em que não engaste uma idéa, quando em um só não amontôa um turbilhão de idéas.

Fallando ou escrevendo, **Lopes Trovão** é sempre o mesmo homem, demonstrando logicamente a razão de ser da theoria de Cuvier, na lei da correlação das fórmas. E assim se explica a precisão onomatópica dos seus gestos e da sua adjectivação, a sonoridade da phrase pronunciada, de harmonia com o rythmo dos periodos escriptos, quer illumine as columnas de um jornal, quer irradie em corpo e alma na tribuna, tanto nos cafés como nas ruas, onde param as multidões para vel-o e ouvil-o, todos lhe prestando a mais curiosa attenção.

Passa pelas ruas alroso e erecto, curvando-se manelrosamente para corresponder aos repetidos cumprimentos, estendendo familiarmente a mão aos amigos, com a invariavel interrogativa — *Como vais tu?* E conta aqui uma anedota, alli uma historia cheia de complicações, mais adiante uma das suas façanhas tribunicias, ou algumas das numerosas aventuras galantes, que teve em melhores tempos, algumas bem ruidosas, como a que se prendia a uma senhora, chamada Helena, de quem foi o Páris, e que inspirou ao nosso saudoso Carvalhinho (1) este soneto:

Cruzámos um olhar., veloz como um fuzil
O unico, o primeiro; e desde esse momento
Ferio-me vivamente o teu regio perfil
Como as brumas do inverno ao monte
somnolento.

A historia desse amor, tantalico, febril,
Amor italiano, audaz e ciumento,
Que teve a duração de um sonho em me
de Abril,
E viveu do perigo ao magico elemento,

E' a historia commum dos dramas do adul-
terio,
Que tem a seu favor as farças do mysterio,
Os reclamos da carne e as seducções do
crime...

(1) Dr. Francisco Antonio de Carvalho
Junior, poeta do *Jardim das Hespérides*,
que morreu aos 24 annos de idade, e de
quem trato nestes artigos. — M. T.

Um marido, poeta, já tarde a escrever
poemas;
E' um novo Munchausen, sempre a fazer poemas:
Um fante de morte, ha muito nos esprei-
ta!

Ninguém acreditará, se vai-o, que Lopes
já tem completado 67 annos de
idade. E' quasi dois annos mais velho do
que eu, que me puzo de estar bem conser-
vado, e ao entanto parecemos quasi da
mesma idade. Apenas nestes ultimos tres
annos é que elle tem se dado ao luxo de
abandonar as Esquias flos brancas no lago de
Biel, não na meica incendiada, que con-
tém o jogo da mocidade. E só de então
que se é que tem engradado um pouco, só
para desmentir a legenda do Ramalhão Or-
tigão na caricatura do Bordallo Pinheiro,
que diz: — Tu sempre serás magro! (2)

O que elle sempre ha de ser é o mesmo
homem, de antes quebrar que torcer, tal
qual o conheci — bohémio, propagandista,
escriptor, jornalista, pamphletario, Deputado
a Constituinte e ao Congresso Federal, Se-
nador, e inegavelmente dono de um cartorio vi-
tuavel, que arrendou, para não se empo-
tar nos autos, e do qual tira actualmemente os
meios da sua modesta subsistencia.

Fallam os malizantes do seu prolongado

discutido no Senado Federal, e principalmente agora, e que não tem justificação, diante das misérias da actualidade. Querem os seus correligionarios, em opposição aos seus proprios confrades, que elle estigmatize e venhene, a golpes de penna e de palavras, tudo quanto está se passando no scenario governamental... E eu só lamento a afflicta situação em que o collocaram os seus proprios companheiros politicos, que da noite para o dia se improvisaram donos desta Nação, e detentores dos direitos e liberdades de um povo... que não tem a precisa energia para se levantar.

.....
O Travião, republicano historico, com as multas responsabilidades moraes a pesar-lhe nos hombros de propagandista, de um regimen que elle dizia ser de ordem, de paz e de liberdade, vive torturado, assistindo silencioso e envergonhado á profanação do seu puro ideal, não se atrevendo a mugir nem mugir, só para que se não diga que até elle repelle aquillo mesmo que, mais que nenhum outro, soube deificar...
— *Auguis in herbe!* — *Awri sacra facies!*...

O meu amigo esteve duas vezes na Europa, demorando da primeira mais de seis annos em Paris, onde comeu o pão que o diabo amassou, escrevendo correspondencias para jornaes, que nem sempre eram pontuaes nos insignificantes pagamentos, revendo provas de livros publicados por editores parcimoniosos. Da segunda vez, porém, passou da grande vida que só alli se pôde viver, indo, então, commissionado pelo Governo republicano; viajou tambem pelo Rio da Prata, em 1895.

Redigiu, commigo e o Lins de Albuquerque, a *Gazeta da Noite*, em 1879. Eu era então republicano tambem *Sonhos da mocidade!* que, por serem sonhos, bem cedo se desvaneceram, trocados por este pesadello, que me esmaga, desde 1889... Provoíamos pelas columnas do nosso jornalzinho vespertino, mas bem feito, com litteratura, arte e politica, politica impetuosa, a celebre *Revolução do Vintem*, cujas labaredas ateavamos em prosa e verso, enthusiasmando de tal fórma as multidões, que até mecas das principaes familias nos applaudiam das janellas, descendo algumas a ajudar-nos nesse trabalho de destruição, dando-nos o fogo com que incendiavamos os *lendas* da S. Christovão, enquanto o Major Dias Jacaré e o Julio do Carão arrancavam os trilhos da linha ferrea.

Rebentou no dia 1 de Janeiro de 1880 a revolução no bairro imperial e no centro

commerciaes da cidade. O Trovão e eu fallavamos á turba, um da janella do Hotel Ravot, na rua do Ouvidor, o outro do alto de uma bond, transformado em barricada, na mesma rua, esquina da de Uruguayana. Chamou o meu amigo de fallar da barricada, com sede e fome, mandou chamar-me, pelo Lins, para substitui-lo naquella posto, enquanto elle, no hotel onde eu estava, pudes-se tomar uma ligeira refeição, retomando depois o meu lugar na janella.

Trocámos as posições de combate, pois os acontecimentos se precipitavam, havendo já forças do Exército e da Policia nas proximidades do nosso acampamento. Soltel o verbo do alto da barricada, dizendo aos cidadãos que não recuassem diante da tropa, porque cada soldado era um cidadão armado na defesa do nosso direito; e aos soldados, que as suas barretinas iam transformar-se em chapéus-armados... Creio mesmo que citei a phrase da *Morgadinha de Val-Flor*, que «na França os plebeus eram generaes aos vinte e oito annos... sem lembrar que eram guilhotinados aos trinta...

Estava eu no melhor do meu discurso, quando uma ala do 7.º batalhão de infantaria, commandada pelo Major Enéas Gal-taria, depois General e Barão do Rio Apa, estendendo-se na rua da Uruguayana, esquina do largo da Sé, fez uma descarga de fuzilaria contra nós, sendo muitos populares feridos, morrendo com a cabeça varada por uma bala uma senhora que estava á janella de um predio da rua da Uruguayana pegado ao da esquina da do Ouvidor, e dous estrangeiros, nas proximidades da barricada de onde cabi, ferido por uma pedrada que quasi me quebrou a canella.

Quis a dor, e o tombo de tamanha altura, fiquel sem sentidos, estendido na via publica, entre os dous cadaveres dos estrangeiros. Pessoas piedosas accenderam velas, que enterraram nos intersticios do espedrado da rua, as quaes se conservaram acesas apesar do chuvisqueiro miudo que caia.

Novas descargas apavoraram a multidão que se dispersou, para voltar em seguida.

O Lins, pensando que eu estivesse morto, bradava, já muito embriagado: — *O sangue deste porta reclama vingança!* — Sal-danha Marinho e Quintino Bocayuva, convidados pelo Ferro Cardoso e o Joazeiro Pernambuco, puzeram agua fria na cabeça, dizendo que «ainda não era tempo... O Dr. Bittencourt Sampalo, diante daquillo, bradava: — «Um homem! só nos falta um homem para dirigir o povo!»

Na madrugada desse dia, no escriptorio da «Gazeta da Noite», fizemos uma *Pro-*

...chegando até a mandar imprimir uns avulsos com a organização do governo provisório, em cujo ministério da República figurava o ministro... do Império, que só na revisão da prova typographica foi que passou a ser *dos Negocios da Interior*. Por ahí se pôde ajulzar da precipitação que reinava em tudo aquillo.

Assim que recuperei os sentidos, procurando, apavorado, sair do meio dos dous defunctos, apagando a velinha que ardia á minha cabeceira, o Lins correu em procura de um tilbury, que me levou á casa, onde fiquei muitos dias de cama, curtindo dores horribes, carinhosamente tratado pelo Dr. Ruge Cesar. Reunio-se nessa mesma noite o Ministerio no quartel-general; e quando o Marquez de Paranaguá, que era o Ministro da Guerra, apresentou ao Presidente do Conselho (Visconde de Sinimbu') a relação dos cabeças de motim, que lhe fora enviada pelo Chefe de Policia, nella figurava o meu nome...

O Visconde de Sinimbu', meu padrinho de baptismo, fez riscar o meu nome, dizendo que eu me achava doente, em sua propria residência.

Mandou em seguida chamar meu primo Franga e Leite (***) com quem eu morava, perto do quartel-general, na rua Senador Pompeu n. 214, hoje 245, e pediu-lhe que não me deixasse sair de casa durante alguns dias, respondendo-lhe o meu primo que, mesmo que eu quizesse, não o podia fazer, devido ao ferimento da perna.

Lopes Trovão, Rittencourt Sampaio, Lins de Albuquerque e Lopes Cardoso conservaram convenientemente escondidos durante muitos dias; os outros foram presos, incluindo as fadas e nosso reporter da «Gazeta da Noite», Ernesto Senna, que foi metido no xadrez, onde o espancaram, raspando-lhe os cabellos e obrigando-o a fazer xadista.

(Continúa).

Mucio Teixeira.

HOMENS DO M.U. TEMPO

II

Lopes Trovão

(Continuação)

O nosso velho companheiro Alberto de Carvalho, noticiando um dos pamphletos de Lopes Trovão, escreveu isto em 1879: «O que me leva para o Dr. Lopes Trovão é a sympathia que tenho para o talento, e o grande culto, o culto dellrante que professo pela oratoria, pela palavra fallada, pela eloquencia, essa eloquencia da mocidade, vigorosa, altiva e severa, que tanto distingue o joven orador. Separo-me d'elle em muitos pontos: não o acompanho nas suas idéas philosophicas; folgo, porém, em reconhecer as mais das vezes que seu talento, rompendo o circulo estreito da fria linguagem da escola que se intitula positivista, se eleva, alteia-se sobre as grandes imagens, invade as regiões do soberbo colorido dos poetas, colorido immortal, que palra ondu-

lante nos céos, que fluctua ácima das idéas que lhe borbulham no espirito, como um rio vertiginoso, a escoar-se através de uma linguagem ampla, potente e sonora.

Afasto-me das idéas e das opiniões do conferencialista; approximo-me, entretanto, da sua individualidade intellectual para de mais perto apreciar-lhe o talento, admirar-lhe a phrase, a expressão e a formula brilhante que dá ao pensamento. No orador e no escriptor ha distincção a fazer. Ha o homem das convicções e o artista, restando ainda para discriminar a parte material do discurso, a voz, a tonalidade do som, a energia, a elevação e muitas outras qualidades. O Dr. Lopes Trovão é, incontestavelmente, um artista da palavra, artista nato, tendo todas as inspirações, todos os recursos da sua arte, a arte esplendida e magnifica do discurso e da palavra.

As suas imagens são grandiosas, elevadas, justas e poeticas; elle não as compõe, não as vai buscar, ellas assaltam o seu espirito naturalmente como a expressão palpavel, visivel e figurada do pensamento da sua alma, que, embora não queira confessal-o, é uma alma poetica, sonora como as plagas onde nasceu, extensa e pura como os grandes horizontes dos mares da sua terra, onde ao romper do sol se accumulam prodigiosas figurações, visões immensas e luminosas. Ao

lêr, porém, o seu folheto, mais uma vez tivemos occasião de vêr quanto a palavra escripta é superior á palavra fallada.

Pois será possível que todo o enthusiasmo do orador, que o seu verbo vibrante e metallico, que a sua voz que vai cantando através de longo periodo como um clarim guerreiro através de uma herolca phrase musical: será possível que o seu gesto, que a sua physionomia aclarada pelos grandes reflexos da tribuna, que tudo isso possa estar dignamente, completamente, sinceramente representado pelos signos typographicos? !... Oh! não: á porta da typogra-

phia, no frontespicio do livro, morrem como sob uma lousa a physionomia e a vibração da phrase, os enthusiasmos do momento, aquelle fogo que é como a luz da tribuna e o seu archote fulgurante.

Ledores, a phrase que lerdes não vos dará de todo o joven orador que tantas vezes nós todos applaudimos; ella vos dará o pensamento, mas o grande som da voz harmonico e elevado que distingue o Dr. Lopes Trovão, faltar-vos-ha; faltará tambem a essa phrase escripta e a esse pensamento, como a orchestra dos theatros faz sempre falta ás phrases cantadas das operas dos grandes mestres. E' preciso vêr o Dr. Lopes Trovão na tribuna, discutindo, orando, e lentamente, quasi solemnemente progredindo no caminho que se propoz trilhar, na estrada que determinou percorrer.

A sua eloquencia é uma eloquencia de grandes periodos, que parece vir coada através de infinitas perspectivas; e vem calma, tranquillã, radiante; mas, quando encontra algum obstaculo diante de si, então se concentra, consubstancia-se, retrah-se um momento, para logo em seguida precipitar-se em ondas profundas e vertiginosas.

No discurso impresso neste folheto ha um exemplo que justifica plenamente o que acabamos de escrever: o orador vem propergindo, ainda por phrases calmas, admiravel-

mente ponderadas, que se encadeiam umas ás outras por modo maravilhoso, até chegar ao ponto culminante da sua argumentação; mas d'ahi como de um cimo, atirando altaneiro o olhar no vasto campo onde levanta todos os seus argumentos, como terribes bastiões, faz uma admiravel descripção, na qual, aos olhos attonitos do leitor, vão passando como vertiginosas visões todas as lembranças do passado.

E' então que em um longo discurso, empossado de todos os seus dotes e manejando admiravelmente todas as irradiações da palavra e da idéa, o orador atira ao auditorio longas e immensas ondas iriantes de eloquencia e de talento; é então que, tomando o publico pela mão, elle o guia á beira do grande abysmo de onde o seu espirito ouve subirem as vozes estrondosas que ameaçam o porvir; é então que, dando largas ao seu temperamento tribunício, se precipita através do discurso, como levado por um destino irresistivel e triumphante; é então que a sua eloquencia tem gritos, ameaças, imprecacões, e ao mesmo tempo grandes brados de triumpho, grandes clamores de victoria; é então que, arrastado pela inspiração mais vigorosa, o seu espirito se eleva por cima do auditorio, e como que se distilla, dilue-se e difunde-se em grandiosas palavras que enchem o recinto e vão alastrando com potentes e vibrantes sonoridades.

Eis o orador julgado por outro orador. E se poetas por poetas devem ser lidos e comprehendidos, ninguém melhor para definir o tribuno das multidões do que esse orador dos tribunes, que tem levantado tão alto a eloquencia judiciaria. Voltemos ao homem visto de perto. Quando o Trovão exercia a clinica, logo nos primeiros tempos da formatura, teve alguns casos felizes no tratamento das crianças. Interpellado a respeito dessas maravilhosas curas, por um collega que não via com bons olhos aquella ameaçadora concorrência no campo therapeutico, respondeu ironico:

— Tu não sabes que em medicina eu sou uma besta? A infancia é a phase puramente animal do homem... não admira, portanto, que eu, lhe appondo carinhosamente a pata, a criança se restabeleça pela sympathia da identidade.

Na sua vida profissional só mandou contas aos que lh'as pediram. E quando o doente lhe pagava, se era rico e dava-lhe mais, elle restituía o excesso, allegando: *Ainda não passei de medico de cinco mil réis por visita...* Quando o doente lhe parecia pobre, o que era facil de perceber logo á primeira vista, dividia com elle o importe, dizendo: *Metade é minha pelo tra-*

balho de o ter tratado, metade é sua pelo trabalho de ter adoecido.

Apezar de haver abandonado totalmente a clínica, não lhe foi possível deixar de atender, uma vez ou outra, às solicitações dos vizinhos e amigos. Tem dinheiro para pagar? costumava perguntar bruscamente ao consulente, quando o não conhecia. Naturalmente a resposta era sempre negativa — *Sim, porque se tivesse recursos, a consulta que me pede impartaria uma extorsão aos meus collegas que exercem a profissão e vivem disso...* E quasi sempre, com a receita gratuita, lá ia também a quantia precisa para o remedio e a dieta.

Estando eu uma vez em sua casa, na occasião em que se deu um caso destes, achei a cousa tão original, em tempos de tamanho egoismo, que, assim que se retirou o beneficiado, não pude deixar de manifestar-lhe a minha surpresa. Sorrio, com aquelle ar de bondade infantil que lhe é tão natural na intimidade, e não sabendo como me responder, inventou:— *E' o pagamento devido á confiança que este pobre diabo deposita na minha capacidade clinica, que não quizesse ainda tomar a serio.*

Vejamos mais alguns episodios da interminavel serie de sua vida anecdotica. A um meio-bebedo, que com elle viajava num

bond, proferindo em altas vozes obscenidades, atalhou indignadamente: — O senhor devia ter sido expellido (o verbo que elle empregou foi outro, muito repetido na Biblia, mas que é duro de mais para os brandos moldes desta columna), por um esgoto de materias estercoraes e é, com certeza, numa cloaca que multiplica a sua especie».

A um espertalhão que, com promessas seductoras, pretendia alcançar a sua intervenção em negocio menos decente, disse elle, depois de ouvi-lo pacientemente: — «Confesso-lhe, meu honrado senhor (e deu um tom arrastado e unico ao meu honrado senhor), que besta sou eu... mas dotada de forte sensibilidade cuticular para não consentir que varejeiras pastem nos meus pellos».

Quando qualquer sujeito, desses que a cada instante nos embargam o passo nas ruas e praças, para pedir-nos cinco ou dez mil réis, acabando por se contentar com com dous ou tres nickes de tostões; como ia dizendo, quando qualquer desses sujeitos lhe val á casa e, para forçar-lhe o favor, começa allegando a sua qualidade de eleitor, o Trovão, indignado, não deixa de gritar-lhe, apontando-lhe a porta da rua: — «Pois então ponha-se lá fóra... Na minha casa só recebo os meus amigos e as pessoas necessitadas». — Vi-o fazer isto em

vesperas de eleição, sendo elle então candidato a uma cadeira no Senado.

Por esse mesmo tempo, quando os seus amigos politicos e ex-collegas de representação federal lhe empalmaram a curul senatorial, apresentou-se um bello dia em sua casa um senhor, cuja respeitabilidade se impunha pelas barbas patriarchaes e a sobrecasaca preta fechada, á moda de Thiers e do visconde de Sinimbú. **Lopes Trovão** recebeu-o com todas as attensões, dando-lhe a palavra, de que o sujeito abusou para fazer um longo discurso probatorio da sua grande influencia eleitoral, e terminou por lhe nedar cem mil réis.

Sem dizer um monosyllabo sequer, o Trovão levantou-se, foi á gaveta da mesa em que escreve, e, trazendo uma nota, entregou-a ao venerando ancião, com estas vibrantes palavras: — «Aqui tem... são apenas cincoenta... não lhe posso dar mais, tome-os... com a condição, porém, de que no dia da eleição tanto o senhor como o seu pessoal não se lembrarão do meu nome».

(Continúa).

Mucio Teixeira.

HOMENS DO M. U TEMPO

II

Lopes Trovão

(Conclusão)

Para dar uma idéa menos vaga do estado religioso de Lopes Trovão, que nos seus devaneios de sceptico tem chegado ao extremo de se dizer atheu, passo a transcrever o seguinte trecho do seu interessante discurso sobre *Fogos artificiaes*, publicado ha dous annos em uma das folhas de maior circulação desta cidade. E só assim posso de uma cajadada matar dous coelhos, pois, ao mesmo tempo que o mostro, tal qual é no intimo do seu transcendente misticismo, ficará com isto completo este meu trabalho de analyse psychologica, em que tratei do homem, do tribuno propagandista, do orador parlamentar, do doutor em medicina (observem que não digo o medico), do jornalista, enfim, só agora salientando o seu estylo de litterato, que dispensa qualquer elogio depois da simples transcrição de um só dos seus primorosos periodos. Quem...

períodos. Ouçam isto, que elle, para deprimir os pyromanos, poz na boca do seu cão *Amigo*:

«Sabeis quanto comvosco respeito todas as religiões como instrumentos, que foram, de progresso e até de defesa nacional, muito embora, hoje, ellas exerçam a acção de corpos extranhos no organismo das sociedades cultas. Sobre esta razão de alcance philosophico e historico prepondera um motivo de ordem sentimental para o catholicismo que eu não blasphemaria mesmo quando me submettesse á fogueira da Joanne d'Arc: — é o carinho filial com que o tratais.

— E tendes razão... Sim!... porque foi cantando de *Veronica* na procissão de Sexta-feira da Paixão e entoando, na Quinta-feira de Endoenças, as *Lamentações de Jeremias* que nascestes para a vida das multidões, com as quaes, mais tarde, quando moço, convivestes por largos annos e ficastes, para todo o sempre, identificado pelo *misereor super turbas*.

Então... já haviéis substituido as vossas crenças religiosas pelos principios scientificos que vos dominam, sem que elles, entretanto, tenham conseguido destronar da vossa alma commovida as imagens de *N. S. da Piedade*, da vossa ridente ilha da *Gipola* e da *Virgem da Conceição*, da vossa tristonha cidade de Angra dos Reis, — esta a esplender no altar-mór da velha matriz, em todo o fulgor da sua belleza hebraica e — aquella dentro do seu humilde oratorio de alvenaria, á beira-mar, em attitudo dolorosa, a mostrar aos pescadores que passam nas suas frageis canoas a figura muitas vezes chagada do Christo, que repousa moribundo no seu regaço immaculado. Poesia da infancia?! Que o seja, porque a poesia é tambem uma das formas de sobrevivencia da crença.

Vós amais os templos vastos, por vos parecer que nas suas abobadas mais solenne rebôa a voz clamorosa do Eterno; e — as capellinhas que se debruçam das costeiras pedregosas, na postura de ouvir as *alleluias* que, por dias calmos, solfejam as *marolas*, como bandos alegres de crianças e o *de profundis* tremendo, que, como um monge formidavel, o velho oceano vocifera pelos mareantes que, por horas sinistras da noite, as rajadas da tormenta desfeita sepultaram no tûmulo movediço das suas aguas lugentes. A grandeza e a simplicidade — a simplicidade em toda a singeleza do christianismo, a que affeiçoastes o vosso coração; e — a grandeza inteira nas pompas do catholicismo, em que educastes os vossos gostos estheticos: — antithese admiravel que a fé

acommodou e fundio na homogeneidade da religião que vos ensinaram na infancia e da qual vos ficaram gravadas na consciencia politica as doutrinas do pallido tribuno revolucionario da Galliléa, que para vós é a divinisação synthetica do Amor e da Justiça.

Ainda hoje, quando, uma vez ou outra, entraís nas igrejas, o aroma do incenso vos espiritualiza e, assim liberto das cousas terrenas, vós vos remontais nos soturnos accents do *canto-chão* á curva da nave central, onde a vossa imaginação se delue nas celicas volupias do mysterio que embebedou Santa-Thereza de Jesus.

E' que, no vosso entender, o encanto e o prestigio da religião estão no sobrenatural, que consola e promette, sem nunca se deixar comprehender, e que, para occupar o vacuo que vos deixou na alma a deserção das vossas antigas crenças, nada de comparavel encontrastes, nem na anthropolatria de Comte, nem no pantheismo que Hœckel baseou sobre o monismo, do que sois sectario. Questão talvez de atavismo.»

Quem por estas duas ancoras de ouro ficou preso na enseada vasta e abrigada do catholicismo, ahi permanecerá eternamente. Nasceamos e estamos de passagem num planeta onde só nos cercam objectos physicos. Mas nem por isso podemos ne-

gar que haja outro mundo, puramente subjectivo, dentro de nós, capaz de receber e conservar as impressões do mundo exterior. «Cada um de nós é um mundo á parte, com relação ao espaço, distincto do outro», diz Franz Hartmann. Seria em vão pedir á sciencia que nos ensinasse a natureza desses mundos. A sciencia classifica os phenomenos e descreve os factos, mas o que ella classifica e descreve não é bastante, para satisfazer a curiosidade humana. Só as religiões conseguem sondar essas profundezas. Religião, na verdadeira accepção da palavra, quer dizer a sciencia que examina os élos que prendem o homem á sua divina origem. Paracelso estabelece uma distincção entre *religião* e *religiosidade*; entre *sciencia* e *scientismo*; entre a *mystica* e o *mysticismo*.

Basta. Demonstrado de maneira indiscutivel o mysticismo de Lopes Trovão, pela transcripção que acabo de fazer, vamos fechar isto com ohave de platina, desde que as de ouro estão barateadas, dizendo o que bem poucos sabem, devendo por conseguinte causar surpresa á maioria dos seus proprios amigos e admiradores;—Lopes Trovão é poeta, como vou provar em seguida. E se quem foi rei sempre tem majestade, quem escreveu versos na mocidade, e versos tão bons, que chegaram a ser

decorados por poetas como eu, sempre estará sujeito a que elles sejam lembrados por quem disponha de excellente memoria. Além de poeta foi também critico litterario, como se vê deste topico do seu juizo a respeito de um dos meus primeiros livros, publicado em 1879.

Diz Lopes Trovão: — "O *Cerebro e Coração* do festejado poeta e meu valente amigo Mucio Teixeira, um gaúcho impetuoso como o minuano que varre a savana dos Pampas, é um bello poema de assumpto romantico-realista, em que o verso se desprende como as aguas de uma catadupa, irradiando colorações multicolores ao sol dos tropicos», etc. Não citei este favoravel conceito, que fazia elle do meu astro juvenil, por um valioso intuito, mas para que se veja, ao ler os seus versos, com que finalizo tão extranho perfil, que o mesmo que elle disse de mim posso eu dizer d'elle, pois ha na sua maneira romantica de poetar um quê do tom byroniano introduzido no nosso meio por Alvares de Azevedo, com a condoreira nota hugoniana que transparece nas arrojadas estrophes de Castro Alves, que eram então os nossos poetas predilectos.

Diz elle, na poesia intitulada *Minh'alma*:

E prostrado nas pedras do caminho,
Quando escuto no espaço o borborigo
Da multidão que avança,
Se procuro me erguer desta atonia,
Dorme minh'alma em funda lethargia
Na tumba da esperanza!...

E' que a noite do exilio é mortuaria;
Traz no manto de treva funeraria
Espectros zombadores...

Tem blasphemias, que a mente não comprehende,
Tem abysmos sem fim, que torva estende
Aos pés dos viajores!...

A sua poesia *Adeus*, que é original e bella, uma das mais inspiradas daquello tempo, sem nada perder da originalidade

que patenteia, por um desses phenomenos reflexos tão communs na solidariedade do sentimento humano, nos traz á mente a profunda melancolia do *Childe Harold* ao despedir-se de Ignez, antes de dizer ao timoneiro do seu navio que podia ancorar em qualquer parte do mundo, comtanto que não fosse nas costas da Inglaterra. Ouçamel-o:

Adeus, adeus:... o yacht velejante
Nas planuras do mar vastas e humidas,
Escarva as aguas trepidas e tumidas,
Fendendo as ondas sob a quilha ovante;
E á bafagem da noite titubante,
Na viração que languida palpita,
Como o corcel da Ukrania a orina agita,
Sacóde a vela o yacht velejante.

Adeus... adeus!... Abutre do Occidente,
A noite, já de pé, no surto altiva,
Quebra, ascendendo, os élos de aptiva
Nas escarpas sombrias do poente...
E das aguas do mar na face algente,
Nas fantasticas nuvens que retalha.
Co'a ponta d'aza, — lobreja mortalha
Desprega a noite, — abutre do Occidente!

Mucio Teixeira.

HOMENS DO N. U. TEMPO

III

Jose do Patrocínio

José Carlos do Patrocínio nasceu na cidade de Campos (provincia do Rio de Janeiro) a... 8... de Outubro de 1852, e falleceu na cidade do Rio de Janeiro a 29 de Janeiro de 1905. Apresso-me em explicar a razão daquellas reticencias e daquelle grypho, que muito de industria colloqui no dia e mez do seu nascimento: — a data de 8 de Outubro foi escolhida por elle proprio, por ser a do nascimento, em 1799, do grande jornalista carioca Evaristo Ferreira da Veiga, uma vez que não constava da sua certidão baptismal o dia exacto do seu nascimento, nem o ter conservado na lembrança sua velha mãe, uma pobre preta analphabetica, a boa tia Justina do Espirito

Santo.

Era filho dessa preta, escrava e concubina do padre João Carlos Monteiro, então vigário de Campos, dono de escravos, e do próprio casal onde assistia, homem robusto, inteligente, instruído, mas de instinctos máos e dado ao alcoolismo. Em 1886, quando fui com o Imperador assistir á inauguração da iluminação por electricidade da cidade de Campos, mostraram-me a mãe de José do Patrocínio, que vivia allí, com um velho quitandeiro hespanhol, de longas barbas brancas, que também se dava ao uso e abuso das bebidas alcoholicas, espancando-a amiudadamente.

A pretinha, assim que fui visitá-la, ao ouvir-me dizer que era amigo do seu filho, ficou tão contente, que deitou a chorar, beijando-me as mãos, indagando da saúde do filho, si elle era mesmo muito estimado da gente branca e de posição, acabando por me pedir que lhe desse muitas lembranças della, que dia e noite só pensava nelle, orando a Nossa Senhora para que o fizesse feliz e lhe desse muitos annos de vida.

Perguntel-lhe, antes de sahir: — E se o José mandar busca-la para a sua companhia?...

— Qual, meu ~~senhor~~ moço, isso não pôde ser, que esperança!... Elle está casado com mulher branca; ella não ha de querer uma negra sujando a sua casa...

— Mas se eu conseguir isso ?

— Então eu fico sendo uma escrava do meu ~~senhor~~ moço.

— Ora vamos vêr... — E retirei-me, commovido. Nesse mesmo dia contei o occorrido ao Imperador, que me aconselhou levar avante a minha generosa intenção, com o que José do Patrocínio só tinha a ganhar moralmente. De chegada á corte, procurei o glorioso filho da obscura preta, contei-lhe o que se tinha passado, elle abraçou-me, chorando, e poucos dias depois estava a tia Justina ao lado do seu unico filho, em cuja casa morreu no anno seguinte, sendo o seu enterro acompanhado por escriptores e politicos, entre os quaes vi o Conselheiro Dantas, que era então o Presidente do Conselho de Ministros.

O padre nunca se importou com a educação do filho, que desde os primeiros annos revelou um extraordinario talento. Patrocínio fez o estudo das primeiras lettras numa escola régia de Campos, até que aos 14 ou 15 annos foi admittido como praticante de pharmacia no Hospital da Misericórdia, onde teve casa e comida. Empregou-se depois na Casa de Saúde do Dr. Baptista dos Santos, mais tarde Visconde de Ibituruna, o qual lhe proporcionou os meios de poder continuar os seus estudos de preparatorios, matriculando-se no curso de pharmacia, onde tirou o gráo em 1874.

Começou por esse tempo a fazer versos e discursos, versos ainda sem poesia, mas discursos já cheios de brilho e fogo. Em 1877 entrou para a redacção da *Gazeta de Notícias*, que era então redigida por Ferreira de Araujo, seu co-proprietario, e Ferreira de Menezes, o mais brilhante folhetinista daquelle tempo. Escreveu, então, José do Patrocínio os seus festejados artigos da serie firmada com o pseudonymo *Proudhomme*, fazendo com a maior independencia a chronica dos factos politicos e o serviço dos debates parlamentares na Camara dos Deputados.

Appareceu simultaneamente na imprensa e na tribuna popular, onde Lopes Trovão campeava solitario nos arraiaes da democracia. Morrendo em 1881 o nosso grande amigo e audaz companheiro Ferreira de Menezes, proprietario e director da *Gazeta da Tarde*, onde continuava a prégar a abolição com o mesmo ardor dos seus primeiros rasgos em prol dos captivos, que tiveram nelle o seu apostolo desde os tempos em que cursava a Academia de S. Paulo, quando Castro Alves já tinha em adiantada via de elaboração o seu poema *Os Escravos*, em 1868; Patrocínio substituiu Ferreira de Menezes naquelle jornal, de que se tornou dono e director.

Esquecia-me dizer que elle, assim que entrou para a folha de Ferreira de Araujo,

foi mandado por essa empreza jornalística ao Ceará, afim de percorrer os pontos do interior dessa provincia, onde mais rigorosa era a calamidade, da secca, que periodicamente assola aquellas regiões, tornando-se mais horrorosa no anno de 1877. Além das notaveis correspondencias que de lá remetteu para a cõrte, escreveu então o apreciado romance historico *Os Retirantes*, que foi publicado em folhetins e depois tirado em volume, que teve segunda edição, em 1879.

Em 1883, fundando, com André Rebouças, Joaquim Serra, João Clapp e Joaquim Nabuco, a *Confederação Abolicionista*, com este ultimo foi a Europa, no character de delegado especial da mesma sociedade, sendo muito obsequiado pelos litteratos de Lisboa. Voltou ao Velho Mundo, depois de proclamada a Republica, e, fazendo em Paris o historico da abolição e do novo regimen no Brasil, teve a honra de ver reunidos em torno de si, num banquete que offereceu á imprensa franceza, os mais illustres nomes da litteratura e da politica de então, naquelle illuminado conaculo europen.

Em 1887 fundou *A Cidade do Rio*, onde continuou a propaganda abolicionista, mas já sob outro aspecto politico: abjurando as idéas republicanas, reconhecendo e procla-

mando os generosos e humanitarios sentimentos pessoas do magnanimo e sabio Imperador D. Pedro II, e de sua digna filha Isabel — a Redemptora, a quem disse, durante a memoravel cerimonia da Missa Campal realizada depois de 3 de Maio de 1888, que «quando os revolucionarios quizessem avancar contra o throno imperial, teriam de passar por cima do seu cada-ver»...

O facto foi assim: — a Princeza estava num pavilhão, pomposamente engalanado, com a corte alli reunida, os grandes do Imperio, as damas da casa imperial, o ministerio, senadores e deputados, o Presidente da Camara Municipal e Corpo Diplomatico em grande gala, quando Patrocínio, no meio da multidão que se compunha de milhares de pessoas, me disse adeus num grande gesto de contentamento. Voltei-me para a Princeza e disse-lhe: — Senhora, alli vai, perdido no meio do povo, um homem que devia estar aqui, bem perto de Vossa Alteza, o José do Patrocínio.

A Princeza autorizou-me a chamal-o para o pavilhão. Chamel-o, pelo nome, em altos e repetidos brados; a multidão irrompeu em applausos, repetindo o meu chamado. Dentro de poucos instantes, elle, tremulo de commoção, dobrava o joelho diante da Redemptora da sua raça, que ambos acabavam de libertar. Beijou a mão que firmara o

decreto aboliccionista, com os olhos raios de lagrimas, e foi nesse momento que proferio aquellas palavras. Ergueu-se em seguida, com um leonino gesto de soberana altivez, e improvisou um discurso da mais vibrante eloquencia.

Quiz, ainda no meio dos prolongados applausos, retirar-se modestamente, mas a Princeza instou para que continuasse alli. Voltou-se, risonho e preocupado, para mim, dizendo-me ao ouvido: — «Deixe o Zeca no meio do povo, estou com receio que o molequinho se perca»... Desci em procura do menino, que estava sentadinho, muito quieto, no primeiro degrão da escada do pavilhão. Levei-o à presença da Princeza, a quem disse de quem era filho aquelle menino. Sua Alteza dignou-se de acariciá-lo e beijou-o na fronte. Patrocínio, parecendo crescer até tomar as proporções de um gigante lendario, a todos assombrou com um novo e estupendo discurso: parecia que o seu coração paterno se dilata em lagrimas de reconhecimento!...

Patrocínio não era só o primeiro jornalista brasileiro do seu tempo, era tambem um festelado romancista, um inspirado poeta, um grande orador. Depois de ter escripto o romance *Os Retirantes*, publicou mais dous, todos historicos, o *Motim Coqueiro* e o *Pedro Hespanhol*. Fallou-me mais de uma vez em reunir os seus bellos

versos em um volume, com o título de *Rythmos Selvagens*; e nas suas conferencias abolicionistas tinha surtos geniaes, como que voava por esferas constelladas; sabia o segredo de commover os auditorios,

conservando-os hypnotizados ao poder magnifico do verbo fluente e radioso.

Eu estava em S. Paulo, num theatro quando o secretario da redacção do *Correio Paulistano* me procurou, para mostrar-me o telegramma do Rio noticiando a morte de José do Patrocínio, na manhã daquelle dia; e, como sabia da nossa intimidade, pediu-me que lhe escrevesse o necrologio para o seu jornal. Não esperei o fim do espectáculo; sahimos juntos, e escrevi *corrente calame* estas linhas, que bem denotam a falta de prévia meditação, como exigia o assumpto, mas que não podiam deixar de ser feitas rapidamente, devido ao adiantado da hora, quando o paginador já estava organisando as linhas que iam entrar no prelo. Ellas:

— A morte acaba de arrebatár ao jornalismo brasileiro uma das suas mais pujantes cerebrações. José do Patrocínio sah do scenario, illuminado de suas lutas e victorias, entrando de pé no Pantheon, onde se permanecem solitarios aos olhos da posteridade aquelles que sabem se impor á admiração dos seus contemporaneos.

Havia nelle um leão e uma agulha: o leão rugia, sacudindo da juba uma poeira dourada que a todos deslumbrava, cegando aquelles que ousavam querer feril-o; a agulha espacava fulgurações ideaes sempre que abria as grandes asas para se espalhar em

espheras claras e alias. Agora, na imperturbabilidade serena dos seres subjectivos, podemos procurar medir-lhe a enormidade da estatura mental, pois só de encontro a rigidez da pedra tumular é que o oceano sempre encapellado das paixões humanas levanta a espumurada alvissima das reivindicções.

A' semelhança desses raros diamantes negros, que em cada faceta da crosta lapidada offerecem limpo espelho ás vivas cores do iris, na mysteriosa vibração das harmonias imperceptíveis que percorrem toda a escala chromatica, numa mistura de sons e cores, José do Patrocínio revestio a sua singular personalidade com todas as purpuras do talento: foi poeta, romancista, orador, aeronauta, jornalista e paladino. Ha homens assim, embora appareçam separados uns dos outros á distancia de seculos: Miguel Angelo, e Buonarroti, foi escultor, pintor, architecto e poeta; Goethe foi astronomo, naturalista, diplomata, alchimista, prosador e poeta; Wagner, escrevendo a letra e a musica dos seus estranhos poemas orchestraes, fundou a sciencia do contraponto, revolucionando a concepção da opera tradicional e fundindo os sons das vozes e dos instrumentos no effeito integral, que tanto nos arrebatou no *Touhouser* e no *Lohengrin* como no *Anel do Nibelung*, em *Parzifal* e nos

Meister Cantores de Nuremberg. Foi, portanto, scientista e musico e poeta.

Não quero dizer com isto que o nome de Patrocínio possa figurar ao lado de qualquer dos tres genios que acabo de citar; apenas procuro demonstrar que são raros os exemplos de multiplicidade em aptidões superiores. Em menos elevado plano, temos no nosso meio as personalidades de Alexandre de Gusmão e José Bonifacio, ambos paulistas, que tambem foram scientistas, diplomatas, politicos, oradores e poetas. O primeiro, orador e poeta, foi jurisconsulto, secretario privado do Rei de Portugal e embaixador em Roma, tão notavel, que o papa Benedicto XIII o nomeou principe romano, dignidade que rejeitou por não perder a propria nacionalidade. O segundo, tambem orador e poeta, foi estadista, parlamentar, jurisconsulto, astronomo e naturalista.

José do Patrocínio, como ficou dito, foi poeta, romancista, orador, aeronauta, jornalista e paladino. Poeta, pendurou a lyra na ramaria entrançada da floresta virgem que lhe embalou o berço escuro; orador, deu á tribuna a majestade do Thabor no instante da transfiguração; romancista, perpetuou nas paginas de livros as lendas e os factos que se preendem á vida de *Pedro Hespanhol*, á morte na forca de *Motta Coqueiro* e ás victimas da secca no Ceará, nos episodios

canções dos Refrões: aeronauta, secundando as gloriosas audácias do nosso Santos Dumont, inventando um systema de navegação aérea que só dependia da prova experimental: jornalista, foi tão raivoso na forma em que enfiava no ouro do estylo o diamante da idéa, quanto era tremendo no ataque e recitante na discussão; paladino, de mais bello ideal dos tempos modernos, marchou á frente da cruzada abolicionista, e só abandonou os arraaes da prolongada batalha depois de conquistar a libertação da sua raça.

O seu nome ultrapassou as linhas divinatorias da nossa nacionalidade: ecoou de sul a norte, por todas as nações continentaes e chorou a ser festejado em mais de uma das capitães européas. Filho e pai de suas próprias obras, como dizia de si proprio Dr. Francisco de Quevedo, sem outra recomendação que não fosse o seu grande talento, a sua tempestuosa existencia pode ser comparada a esses grandes rios patricios que partem de um ponto obscuro, atravessam paragens férteis e viridentes, rolam sobre laceados abruptos, ora gemendo em noites enluaradas, ora cantando em dias brilhantes de sol e assim vão, caudalosos e ameaçadores, até que se mettem no oceano, como que procurando adogar-lhe o sabor acre do salso elemento.

Ainda não ha muitas horas, lendo o seu ultimo artigo, embalava-nos a fallaz esperanza de que a enfermidade, que de ha muito o atormentava, não conseguisse arrancá-lo tão cedo á sua modesta tenda de trabalho quotidiano: bem sabíamos que molestia insuperável minava surdamente o seu organismo combatido, ameaçando mais de uma vez cortar-lhe o fio da existencia; mas a propria energia das suas ameadadas investidas contra o silencio em que pretendiam amortalha-lhe o nome, desde que se viu desarmado, pelo desaparecimento da *Cidade do Rio*, que era a sua arma de guerra, com que se defendia de hostilidades do meio e do movimento politico: acreditando que o isolamento lhe fosse asylo benéfico, tudo nos alentava no doce engano d'alma de que ainda, por muito tempo, poderíamos vê-lo no seu posto de arção.

Tiste brecha da fatalidade! O batalhador calado... (*) ainda empunhando a arma gloriosa dos seus numerosos e assignalados triumphos, essa penna, que foi uma espada desembainhada em prol da liberdade. Não é esta a occasião opportuna para analysar-lhe os erros e descrever-lhe as quedas; parece-nos, porém, que desde já se pode garantir que, na balança da historia, ha de pesar muito mais a cancha de prata onde se amontoaram as suas grandes obras de benemerên-

ria, de que a outra, que fluctuára no alto, escondendo as suas leves faltas, na maioria dos casos justificadas pelo seu caracter impulsivo e o rigor das leis atavicas e hereditarias.

Isso eu escrevi em 1905, na data do seu fallecimento. Agora, que a acção inexoravel do tempo já produzio o effeito preciso para ser observada a lei das reivindicações, posso desenhadamente fallar de José do Patrocínio, e *Zé do Peto* da minha convivência de quasi trinta annos, mixto de pigmeu e gigante moral, ora revestido de um optimismo revoltante, ora unido de umas allucinações sagradas, Proteu illuminado hoje, talento, que mudava de fórmulas ao seu talento, acendendo simultaneamente uma vela a Deus e outra ao Diabo; calumniando hoje o adversario, para amanhã enleal-o; versatil na politica e versatil na amizade, só se achando ser constante nas inconstancias. Quando ás vezes, até chorar, pedindo perdão: oucasas outras, ao extremo de proclamar o perigo, justificando assim a opinião de André Rebouças, seu velho amigo e compadre, que disse: — «Este negro tem todos os vícios e todas as virtudes de Mirabeau».

Escrevi um dia o *Luz* Trovão: — «Zé do Peto, eu não posso te querer mal, apesar das tuas reiteradas perfidias, porque te considero um simples caso pathologico. Ha

em ti duas entidades que se repetem e contradizem-se numa dualidade logica: quando te passa pelo coração a onda sanguinea da ira, tuas mãos, és bom e meigo, como essa onda affectiva e resignada; mas quando o malillo sangra do peito, teu pai, te ferve nas veias, és miseravel e infame!» — O Patrocínio e o Trovão viviam a brigar a cada momento, cada um enciumado com as virtudes intellectuaes do outro; e só se reconciliavam de vez, depois que o Patrocínio lhe disse: — «Ha um unico meio de sermos amigos: é reconheceres em mim o melhor jornalista, que eu reconhecerei em ti o melhor escaboso».

E só assim puzeram ambos agua fria na fervura. Puz apezar disso, uma vez, em que o Patrocínio alcançou uma das suas grandes victorias como orador, assim que desceu da tribuna, ao abraçarmo-nos, perguntou-me ao ouvido: — «O Trovão é capaz de fazer o que eu fiz?»

Vem aqui a proposito um paralelo entre estes dous tribunos, que eram os mais acclamados naquele tempo. E vou fazel-o com a maxima imparcialidade, para que a geração actual possa ver os fórs dos nevoeiros do tráfego que já lhes deformam os vultos.

Os dous ambos improvisadores de raça, e, cada um em que se necaria formalmente a arte de orador ao primeiro que se lembrasse de apresentar ao publico discurso de-

... A linguagem de Patrocinio chocava mais pela mescla de plebeias e erasmicas com vocabulos de escolha; a de Trovão primava pela vernaculidade e elegancia. O estilo do primeiro seduzia por mais escintillante, com uns deliciosos tons de feminilidade; o do segundo se impunha por mais viril, equilibrado e original.

Em José de Patrocínio a fantasia esmalta o sentimento, dando-lhe uma sensibilidade crescente: em Lopes Trovão o sen-

... A morte colheu-o com a arma da
... e no proprio dia em que morreu, sa-
... um artigo seu no *Paiz*. — M. T.

timento era dominado pela razão. Aquelle, nas imagens, era o pintor; este, era o escultor. Este usava della para vestir o pensamento; aquelle a dissolvia em tintas na paleta para colorir a expressão. Por mais disperso, desligado e emotivo, Patrocínio era mais abundante, torrencial mesmo: Trovão, por mais methodico, medido e logico, era mais conciso. O sarcasmo daquelle feria fundamente, ou pelo vituperio ou pelo ridiculo, sangrando a victima; a ironia deste apenas contundia, ou pelo tom manhosa-mente sentencioso, ou pela hilaridade francamente provocada.

As apostrophes de Patrocínio conflagravam as paixões irritaveis da plebe, arrastando-a ao terreno do odio ás idéas que combatia; as de Trovão vibravam na consciencia do povo, conduzindo-o pelo caminho da revolução até ao seu ideal. No ataque pessoal Patrocínio brandia um punhal afiado; Trovão esgrimia com galantel-o um florete abotoado. Na exposição, aquelle tinha as evoluções variadas e imprevistas de uma malta experimentada de capoeiras; na exposição deste, ouvia-se (na comparação de Aluisio Azevedo) o estrupido de uma carga de cavallaria ordenada por Porto Alegre, rigorosamente entrajado na sua farda de general, com elegancia talhada, coruscando ao sol da batalha o ouro dos seus bordados e botões escrupulosamente bruni-

dos».

O discurso de Patrocínio precipitava-se em linhas quebradas que se afundavam e em curvas magnificas que se alteavam, encochilhadas, como se diz nos Pampas; o de Trovão se desdobrava com imponencia radiosa por inflexivel recta ascencional, em montanha. Numa assembléa só de mulheres, Patrocínio enterneceria até á volupia das lagrimas; Trovão seria capaz de espediçar ali conselhos severos... A palavra daquelle se dirigia com mais cuidado nos recintos limitados; a deste só nos grandes comícios populares é que se expandia com mais segurança e fulgor.

Patrocínio dizia: — «Quero o applauso, venha de onde vier, como consagração das minhas opiniões»: Trovão parecia querer repetir: — «Desdenho o applauso, quando elle não se remonta á esphera das minhas convicções». — E' que, para vencer, Patrocínio iria até ao revolvimento dos maus instinctos das facções; e Trovão, para evitar uma derrota, não passaria de incitar os impulsos do espirito sectario. A abolição era um facto que rondava todos os lares, desde o tugurio do proletario até os paços dos nossos imperadores; e a republica era apenas uma aspiração vaga, indistincta ainda, com fôrma mal esboçada. Trovão nem tentaria o que ousou Petrocínio, por lhe faltar que a este sobejava — o senso pra-

tico do interesse da raça; e, na propaganda republicana, Patrocínio não lograria o que Trovão obteve, por carencia do que abundava neste, a coherencia e abnegação do ideólogo.

Eram dous formidaveis lutadores: um, que foi o grande tribuno da Abolição, tinha muito de Sancho; e o outro, que foi o maior tribuno da Republica, tinha tudo de D. Quixote. Num recontro oratorio, si Patrocínio conseguisse subir até Demosthenes, teria em Trovão um Phocion. Mas a eloquencia não é só elocução, sentimento, imaginação e caracter. Para o seu prestigio na multidão ella depende tambem dos dotes physicos, dos que a cultivam. Tocante a este ponto, a natureza foi tambem avara com um e prodiga com o outro, estabelecendo entre os dous differença flagrante.

José do Patrocínio era mulato escuro, quasi negro, de estatura meã, de nariz simlo arrebitado, os cabellos lambidos, absorvendo na physionomia a luz ambiente; e nos momentos da crise oratoria, a sua áspera voz tinha dissonancias ferinas, os seus exagerados gestos accentuavam desordenadamente a palavra, o seu corpo bamboleava, sem rythmo, para todos os lados, e agachava-se na posição de um tigre que se firma para dar o bote... Lopes Trovão, muito claro e corado, de fulva cabelleira erizada, irradiava a luz que se lhe esbatia na fron-

te; e nos momentos da crise oratoria, a sua voz sonora e meio cantante encorporava-se em tonalidades mais volumosas e extensas; o seu gesto seguro e vigoroso accentuava-se mais imperiosamente, a sua elevada figura parecia crescer, lembrando a aguia que abre as azas para levantar o vôo.

Dotados ambos de boa dicção, o que a de Patrocínio perdia pela precipitação da palavra, a de Trovão ganhava na nitidez e energia da articulação. Em resumo, Patrocínio exerceu a sua acção oratoria com maior intensidade sobre aquelles de cujas paixões era elle o porta-voz desassombrado e vibrante; e Trovão actuou sobre todos que o ouviam, correligionarios e até mesmo adversarios, jogando com uma popularidade mais extensa, mais profunda e mais estavel, pela sinceridade que a sua palavra recunhava, a confiança que a sua conducta inspirava e pela impressão que imprimia o seu vulto «grand, mince, nerveux, l'oeil ardent, l'aspect d'un prêtre en même temps que d'un soldat», tal como o descreveu no *Matin*, de Paris, em 1890, o deputado socialista Tournière, ultimamente fallecido.

As columnas do jornal do Patrocínio estavam abertas a todos os rapazes de talento, e nellas encontravam defesa todos os oprimidos, embora a defesa que fazia de uns se misturasse alli com a injustiça feita a outros. Punha a sua penna do ser-

viço de todas as causas, desde que lhe pagassem, a incumbencia, por menos digna que fosse. Fazia como esses advogados sem escrupulos, que defendem com ardor os criminosos mais repugnantes, procurando inutilmente justificar os crimes mais hediondos.

Dizem que outr'ora, no tempo de Evaristo da Veiga até á geração de Saldanha Marinho, a imprensa era entre nós um apostolado, mas o que eu vi de então para cá não passa de um commercio como outro qualquer.

Quando percebi que ia rebentar a guerra federalista no Rio Grande do Sul, fui compartilhar da triste sorte dos meus patricios, conservando-me lá até Setembro de 1895. De volta a esta capital, não querendo expor meus filhos ao contagio da febre-amarella, que grassava epidemicamente, quando elles já se achavam desaclimados, transferi a minha residencia para a Bahia, onde me conservei até 1899, quando voltei de novo ao Rio, José do Patrocínio convidou-me, então, para tomar as secções litteraria e humoristica da *Cidade do Rio*, offerecendo-me remuneração convidativa.

Fiz-lhe ver que bem me convinha a proposta, mas não aceitava, para não brigar com elle, que nunca fôra pontual nos pa-

gamentos dos seus auxiliares.

Abracou-me, soltando uma daquellas enormes gargalhadas do costume, louvando-me a rude franqueza; mas que não, commigo o caso era outro, sabia que eu tinha familia numerosa, ficasse certo de que seria pago em dia. — «E quando haja alguma complicação financeira, que me obri-gue a retardar o pagamento (frisou bem a phrase) as columnas do meu jornal são tuas, paga-te pelas tuas proprias mãos». Nos primeiros dous mezes correu tudo bem. Creel na *Cidade do Rio* a secção humo-ristica a *Cidade Nova*, que augmentou a venda avulsa, bem recebida pelo publico e pelos litteratos. Mas no terceiro mez... como se passassem os dias sem uma pala-vra sobre o pagamento, interpellei o Te-rencio, que era o gerente; e este, com um ar desalentado, mostrou-me as gavetas do balcão, onde se via apenas meia dúzia de nickels.

Vendo que por ahi nada conseguiria, en-tendi-me com um capitalista da minha inti-midade, que estava sendo muito atacado por outro, cuja defesa contratei por cinco contos de réis. Expliquei o caso ao Patro-cinio: tive a felicidade de vencer a questão em poucos dias, e entreguei-lhe cincoenta por cento; mas elle exigiu mais, queria

tres contos, allegando o espaço editorial da sua folha, que deixara de ser occupado com materia paga ao balcão. Lembrei-lhe as suas proprias palavras: «as columnas do meu jornal são tuas»...

Começou desde então a evitar-me; antes de subir, indagava si eu estava lá em cima; si estava, sahia, só subindo na minha ausencia. A minha continuação allí, em taes condições tornava-se intoleravel. Fui procural-o. Encontrei-o na confetteria Paschoal, bebendo num grupo de camara-das communs. Chamelo-o de parte, res-pondeu-me, apontando-me uma cadeira ao seu lado: — «Já sei que não queres con-tinuar na *Cidade*: era só o que faltava! E fez questão de que tomasse alguma cou-sa com elles. Contratei nesse mesmo dia com o Barão de Campolide a defesa do «Agave Americano», que certa imprensa combatia, á razão de quinhentos mil réis por artigo na primeira columna; e como eu tinha intimidade com o Barão, ficou com-binado dizer-se que o contrato era pela me-tade, assistindo-me assim o direito de ser generoso sem risco de novos attritos.

Patrocínio, porém disse-me que não consentia na defesa por menos de qua-trocentos mil réis, cabendo-lhe duzentos e cincoenta em cada um; e mentio, dizendo-

me que já tinha aquella mesma publicação apalavrada com o socio do Barão, e que, si não decidira ainda, é porque aquillo na primeira columna era vexatorio. — Pois fica sabendo (respondi-lhe) que cada artigo será pago a quinhentos mil réis; e que dispenso a tua primeira columna : vou para os «a pedidos» do *Jornal do Commercio*, que tem muito maior numero de leitores... (E fui sabindo).

— Vem cá, escuta, isto não vai assim...

— E's amigo do socio do Barão, entende-te com elle; eu é que não escrevo aqui

sem mais uma Naha. — E retirei-me, cortando relações.

Um anno depois, noticiando algumas folhas que eu estava gravemente enfermo, ameaçado de cegueira e paralyzia, a primeira pessoa que me appareceu em casa foi o José do Patrocínio, que começou por estas palavras : — «Acabo de saber que o *Jornal do Brasil* negou-se a pagar a quinzena em que não publicaste folhetins».

— Sim, o Fernando chegou a autorizar o pagamento, mas o Candido Mendes oppôs-se, dizendo que a sua empresa journalistica não era sociedade de beneficencia...

— Não pude até agora pagar-te os seiscentos mil réis que te fiquei devendo, do ultimo mez e meio que escreveste na *Cidade*, mas calculando a tua situação actual, pedi dinheiro a um amigo e aqui o tens... e entregou-me duas notas de quinhentos mil réis.

— Não tenho troco para tanto, nem para muito menos. Uma só é bastante. — E quiz restituir-lhe a outra.

— Não tens que me dar troco nenhum : o excedente corresponde aos juros da mora.

Isto que fez commigo fez com muitos outros, «quando o sangue da negra lhe passava pelo coração»; mas... fugissem del-

le, «quando o maldito sangue do padre lhe fervia nas veias» !... Sou testemunha do seguinte facto. O joven redactor do *Rebate* estava escrevendo uma serie de violentissimos artigos contra Patrocínio, quando foi decretada a sua prisão por abuso de imprensa. Preso em plena rua do Ouvidor, pelo proprio delegado de policia, subiam juntos a referida rua, quando, ao passarem pela porta do *Pois*, o preso disparou pela escada acima, abrigando-se naquella redacção. A autoridade queria retirá-lo dali' á viva força, os redactores oppuzeram-se a essa violencia; em altas vozes, dando-se tamanho escandalo que aquelle trecho da rua ficou quasi interceptavel.

Patrocínio, subindo para indagar do que se passava, deu com o seu implacavel inimigo em tão afflictiva situação. Fez ver ao delegado que o mais que elle podia fazer era arbitrar a quantia da fiança no maximo, para que o delinquente se defendesse em liberdade. — «Mas si elle nem tem para o minimos — objectou-lhe o delegado. Patrocínio, mettendo a mão no bolso, retorquiu : — «Mande lavrar a fiança, que o dinheiro está aqui». — E assim se fez. O joven jornalista tornou-se de então por diante em dos mais dedicados amigos de Patrocínio, á cuja memoria consagrou um numero especial do seu hebdomadario.

Deixo de citar-lhe o nome, porque o infeliz, que ainda não morreu, já não vive; está encerrado no Asylo de Alienados, sob as piedosas vistas do sabio Julianio Moreira.

Mucio Teixeira.

HOMENS DO MEU TEMPO

III

José do Patrocínio

(Concluído)

José do Patrocínio e eu, republicanos históricos e com assinalados serviços prestados nos mais difficeis tempos da propaganda, abandonámos as bandeiras revolucionarias, passando ambos com armas e bagagem para as disciplinadas fileiras da Monarchia: elle, na defesa da sua raça; eu, deslumbrado pelas fulgurações da grandeza moral do sabio e magnanimo Imperador D. Pedro II.

Patrocínio, porém, fraco e versatil, no dia da proclamação da Republica, que foi civilmente sancionada pela autoridade official das suas palavras, no character de vereador do Municipio Neutro, voltou aos arraiaes que abandonara; eu, coherente e logico, nunca mais abandonei a minha nova tenda de acção, conservando-me até hoje fiel á bandeira que já que me não servio de trophéo, poderá servir-me de gloriosa mortalha.

No dia em que os soldados da guarnição da Córte, capitaneados pelo Major Solon, forçaram Deodoro a abandonar o leito de enfermo para proclamar o actual regimen politico (em nome do povo, do Exercito e da Armada); o genial Annibal Falcão, vendo que a coisa, da maneira precipitada por que estava sendo feita não passava de uma bernarda de casernas, correu á Cidade do Rio e disse a José do Patrocínio que a elle, como o vereador mais moço da Camara Municipal da Córte, cumpria reconhecer officialmente o regimen que acabava de ser proclamado militarmente no Campo de Sant'Anna. (*)

Patrocínio, sentindo nas veias o sangue puro da negra, negou-se no primeiro momento a representar tão odioso papel, repetindo a Annibal as palavras que dissera um anno antes, á Princeza, que, «para que os republicanos chegassem ao throno, teriam de passar por cima do seu cadaver». Annibal Falcão puxou do seu revólver, ameaçando matar-o alli mesmo, se elle não o seguisse até ao paço municipal. *Ferveu-lhe nas veias o sangue do padre*, a cobardia obedeceu ao instincto de conservação e... pouco depois, de uma das janellas da municipalidade — Patrocínio reconhecia a Republica... em nome da população do Municipio Neutro!

Deu origem ao Exercito Republicano.

Deu vivas ao *Exercito Libertador*... e acabou por estas palavras, que nessa mesma tarde fez imprimir na primeira pagina da *Cidade do Rio*, encimadas por grandes letras: — «A situação de 15 de Novembro é provisoria como organização, ms é definitiva como transformação. Os factos não podem ser ainda estudados co mcalma, palpitantes, como estão, os despojos dos vencidos sob as vistas do vencedor. Fôra longo ir procurar nos encadeamentos da historia a logica que produzio a Republica, bastará recordar as ultimas phases da Monarchia, para concluir que o Imperador queria encerrar, comsigo, o Imperio»... etc.

Voltando-se, assim, para os arraiaes que havia abandonado, José do Patrocínio esqueceu-se de que havia sido elle o organizador e chefe ostensivo da celebre *Guarda Negra*, numeroso grupo de negros libertos pela lei de 13 de Maio de 1888, os quaes interrompiam com vaías e tiros as conferencias republicanas de Lopes Trovão, Coelho Lisboa, Silva Jardim, Soeiro Guarany e outros demagogos dos ultimos tempos da Monarchia. Custa-me dizer estas cousas, mas... *amicus Plato sed magis amica veritas*.

O *Zé do Pato*, gostava muito dos meus versos, sabendo de côr grande numero delles, recitando com enthusiasmo *A Ironia da Estatua* e quasi toda a paraphrase que fiz do *Cantico dos Canticos*, que sahio em folhetins nos primeiros numeros da *Cidade do Rio*, da qual citava, sempre que via uma mulher bonita, esta estrophe:

Bella! comparo-te só
A' minha egua luzida
Quando puxa á toda brida
O carro do Pharaó!

Mas nada disto impedio que o *Zé do Pato* accusasse o Presidente do Conselho de Ministros, Senador Saraiva, pela publicação das minhas *Hugonianas*, sahidas dos prélos da Imprensa Nacional, em edição de luxo; o que forçou o honrado chefe do Governo a mandar dizer pelo *Diario Official*, que a publicação havia sido feita, não por conta do Thesouro Nacional, mas á custa do bolsinho particular do Imperador, o que, para bom entendedor já tinha sido declarado por mim, na propria obra em questão, em nota que se lê á pagina 473, onde digo: — «Quanto á nitida edição elzeviriana, que faz honra aos prélos da Imprensa Nacional, não me é permittido declarar o nome do magnanimo protector das letras, sob cujos auspicios são impressas as *Hugonianas*».

Patrocínio dava-se ao abuso das bebidas alcoolicas, o que até certo ponto attenua

as suas faltas moraes. Mesmo embriagado, porém, escrevia os seus admiraveis artigos e improvisava aquelles discursos notaveis. Era tal a sua grandeza mental, que nem os desregramentos da embriaguez lhe amorteceram o prestigio pessoal. Visitavam-no assiduamente os Deputados e Senadores do Imperio; e o Conselheiro Dantas, quando chefe do Ministerio, fazia questão de tel-o á sua mesa familiar. O mesmo aconteceu no novo regimen, chegando a dar cartas durante o quadriennio presidencial de Prudente de Moraes, que elle cognominara de *Santo Varão*... Era tambem atirado a aventuras amorosas, preferindo as mulheres estrangeiras, claras e louras, com as quaes esbanjava.

Um bello dia, appareceu-nos com um plano de acrostato, em nada parecido com os systemas conhecidos, discutindo a superioridade do seu invento com sorprendente conhecimento do assumpto. Tornou-se aquillo a sua idéa fixa durante mezes e annos, cada vez mais aprofundando os conhecimentos na arte de navegar nos ares, familiarisado já com o historico das primeiras tentativas do nosso Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, dos ensaios posteriores dos irmãos Montgolfier, da differença dos systemas de Bagnolet, de Flesselles, de Andreani, dos irmãos Gezli, de

Blanchard, de Dijon, dos irmãos Robert, de Lunardi, de Rosier, do Conde d'Artois, de Miolan e Janinet, de Testu-Brissy, de M. Henson e de Deghen, até os aerostatos a vapor de Giffard, e dos nossos compatriotas Julio Cesar, Augusto Severo e Santos Dumond.

Chegou a organizar uma sociedade anonyma para poder apresentar a prova experimental: alguns capitalistdas subscrveram accões, e o Governo de Campos Salles, mandou dar-lhe oitenta ou noventa contos de réis para a confecção do apparelho, todo de platina e seda impermeavel, o qual chegou a adiantada via de elaboração, mas ficou inutilizado pelo desmoronamento das paredes do alpendre, onde se balançava suspenso donairosamente, morrendo alguns operarios na occasião, ficando outros gravemente feridos. Era a fatalidade, que vinha mais uma vez provocar a força da vontade ao serviço do idéal de um arrojado poeta transformado em audacioso mechanico.

— Lá se foi tudo por terra! — bradou Patrocínio, ao ver cahir o que se destinava a subir. Compartilhei sinceramente da sua enorme dor, deffendendo-o com ardor sempre que alguns dos seus invejosos e detractores punham em duvida a casualidade do desastre. Apenas uma vez, annos depois, no mais forte de uma discussão em que

trocámos doestos, commetti a injustiça de dizer-lhe que o seu balão tinha subido até onde poderia subir:— «Foi ás alturas do Cattete, tomando a direcção do Thesouro»... Repito isto, com remorsos, para penitenciar-me, pois eu queria muito bem ao Zé do Pato, e infelizmente aquelles a quem mais estimamos são os que mais irritamos na discussão. Além disso, *genus irritabile vatum*, como disse Horacio, da nimia susceptibilidade dos poetas.

Os seus ultimos tempos foram assoberbados por desillusões e soffrimentos. Elle, que só na época do *encilhamento* ganhara centenas de contos, acabou tão pobre, que até chegou a passar privações... Esteve alguns mezes gravemente enfermo, mas melhorou tanto, já nos ultimos dias, que recommçou a escrever, publicando os seus artigos no *Paiz* e na *Noticia*, por já não possuir jornal seu. No proprio dia da sua morte foi publicado um artigo seu no primeiro dos jornaes citados; e elle estava escrevendo o artigo para o dia seguinte, no momento em que a hemoptyse o suffocou, não deixando passar além deste topico:

(*) Eu estava ausente da minha patria quando se deram estes lamentaveis factos historicos, não podendo por isso dar as

minhas impressões pessoaes. Procurei ouvir nesse sentido os que tomaram parte activa nos acontecimentos, além do que encontrei nos jornaes do tempo.

Ha varias versões sobre o que repito de outiva, algumas das quaes se contradizem. Se ainda até hoje não se sabe quem foi que proclamou a Republica?!... Os positivistas dizem que foi Benjamin, os militaristas dizem que foi Deodoro, o Quintino Bocavuva disse que foi Solon. O unico que até agora não teve contestação foi o Ilustre General Pazo Junior, que disse:—
em sua honra e gloria e para a paz do

...avalia-se na organização definitiva de uma sociedade protectora dos animaes. Eu tenho pelos animaes um respeito egypcio. Penso que elles têm alma, ainda que rudimentar, e que elles têm consciencientemente revoltas contra a injustiça humana. Já vi um burro suspirar como um justo, depois de brutalmente esbordado por um carroceiro que atulhava a carroça com carga para uma quadriga e queria que o misero animal a arrancasse de um atoleiros...

Quando fui nomeado Consul Geral do Brasil nos Estados Unidos de Venezuela, Patrocínio ficou satisfeito, não só por ser eu abolicionista como porque o Ministerio que me nomeou foi o mesmo que pouco depois decretou a abolição immediata e incondicional; e tanto elogiou o acto do Governo como a escolha do meu nome. O mesmo, porém, não fez quando fui nomeado Secretario Geral do Governo de uma provincia, em 1880, escrevendo nessa occasião uma serie de impertinentes artigos, contra mim e contra o Presidente do Conselho de Ministros, que era o Senador Saraiva, censurando tambem, o Imperador, «que andava catando republicas para amortalha-las em altos cargos», segundo a sua phrase textual.

Alludia aos propagandistas da Republica que nos ultimos annos do Imperio foram nomeados consules, e que eramos os seguintes, em ordem chronologica: — Salvador de Mendonça, ex-redactor da *Republica*, Consul privativo em Baltimore; Victor da Cunha, Consul na Bolivia; Fontoura Xavier, autor da satyra *O Régio Saltimbanco*, que foi substituir Salvador em Baltimore, quando este foi promovido a Consul Geral em Washington; Francisco Cunha, tambem redactor da *Republica*, Consul no Rosario de Santa Fé; e eu, finalmente. (Por coincidencia os quatro ultimos eramos todos naturaes do Rio Grande do Sul).

Lopes Trovão, tomando a minha defesa, demonstrou a não incompatibilidade entre as idéas politicas e certos cargos publicos, censurando apenas os dous republicanos que tomaram parte nos conselhos da corôa: Torres Homem, depois Visconde de Inhoresim, e o Sr. Conselheiro Laffayette Rodrigues Pereira. Eu quiz, naquella occasião, fazer profissão de fé monarchica, pois á proporção que fui conhecendo o Imperador mais convencido fiquei da superioridade do regimen que elle enaltecia. Mas o proprio soberano me aconselhou que não praticasse esse acto de precipitação, e que uma vez que as minhas idéas es-

tavam assim modificadas, então, em vez de dar tamanho salto, dividisse o partido republicano em dous grupos, o dos petroleiros, capitaneados por Lopes Trovão, e o dos opportunistas, orientados por Saldanha Marinho, e que neste eu permanecesse. Assim fiz.

Para que se veja quanto era perfido o *Zé do Pato*, quando *lhe fervia nas veias o maldito sangue do padre*, ao mesmo tempo que elle elogiava a minha nomeação consular, escreveu uma farça theatral, sob pseudonymo, em que dava bordoadas de cego no Imperador, então enfermo, na Princeza, que já precipitava a abolição do elemento servil, nos ministros e em mim. Essa comedia synthetica intitulava-se: *Divinos e Mortaes*, a acção passava-se no palacio de Itauraraty da Tijuca, e os personagens eram: o Imperador, a Princeza, o Conde d'Eu, o Príncipe D. Pedro, o cidadão Mucio, o Presidente do Conselho, o Ministro do Imperio, o Marquez de Paranaguá, o Visconde Nogueira da Gama, o Visconde de Ibituruna e o Barão Ramiz Galvão, alo dos filhos da Princeza, «com os dous petizes pela mão». AQUI vai um fragmento daquillo:

SCENA I

«PRESIDENTE DO CONSELHO — Senhor, já experimentou V. M. o grande jubilo de abraçar sua dilectissima filha. Como vê V. M. ella chegou sadia e forte, graças ao *minuano* dos Pampas. Póde, pois, V. M. tranquilamente repousar das fadigas do Governo e emprender a projectada viagem a Europa, para o restabelecimento de sua preciosissima saude. S. A. está prompta a assumir a Regencia, uma vez que é para acautelar a saude e a vida de V. M.

O IMPERADOR (com voz de tenor) — Os Srs. parecem mais assustados do que eu. Para que incommodar a menina com as massadas do Governo? eu já me sinto bom, perfeitamente bom.

PRESIDENTE — Imperial Senhor, peço venia para observar que me parece que V. M. se illude. Os medicos já manifestaram opinião unanime de que, sem uma viagem a Europa, V. M. não ficará completamente restabelecido. E' melhor prevenir, Senhor (*miscando o olho ao Visconde de Ibituruna*): não é este o parecer de V. Ex. e de seus collegas, Sr. Conselheiro?

O VISCONDE (*mesuretro*) — E' verdade. O meu parecer e o dos meus collegas, baseado na observação da marcha da molestia, é que se torna indispensavel uma viagem de V. M. a Europa; é uma medida

de prudencia. V. M. está felizmente muito melhor, mas a cura será prompta e segura só com essa viagem.

O IMPERADOR — Mas, se estou bom, não sinto mais nada, para que sahir agora do meu paiz? Não vou, não vou...

M. DE PARANAGUÁ — Senhor, a opinião dos medicos deve ser respeitada pelo Governo e por todos nós, os mais fiéis e dedicados subditos de V. M. Entendo que V. M. não deve se oppôr a tão sabio parecer. Demais, V. M. bem sabe a responsabilidade que resulta para o Governo de não serem seguidos os conselhos da sciencia acerca da preciosa saude de um soberano tão querido do seu povo. Não insista V. M. nessa recusa; trata-se do interesse da Nação Brasileira.

V. DE IBITURUNA (*indiretando os olhos, enquanto o Presidente do Conselho afila o mariz, que cada vez mais se alarga*) — Permitta V. M. que eu reforce a opinião dos Srs. Presidente do Conselho e Marquez de Paranaguá, de pleno accordo com os illustres medicos assistentes de V. M. Nenhum de nós está assustado com a saude de V. M. Muito pelo contrario, estamos todos satisfeitos. Não nos parece, porém, que a obra fique completa tão depressa como desejamos, sem que se realize a viagem, que é indispensavel, já como

provelitosa, já como recreativa.

O IMPERADOR (*coftando as longas barbas brancas*) — Quando resolvi partir, estava realmente passando mal, e julguei não poder melhorar tão depressa; mas agora, graças a Deus, devido aos medicos que com tanta dedicação me têm tratado, estou fino e são como um pêro. Já não se torna mais necessaria a tal viagem a Europa. Posso muito bem occupar-me dos negocios publicos, deixando minha filha descansar. Escusas, Isabel, te afligir com questões de politica e de Governo.

A PRINCEZA (*afagando o pai*) — Mae papai, eu grefiro isso, a vel-o exposto de novo a ser accommettido de tão grave enfermidade. Sou feliz por vir encontrar papai quasi bom, mas quero estar segura do seu completo restabelecimento. Acho que papai deve ir. Sinto ter de privar-me por algum tempo da sua companhia, mas as saudades serão compensados com as esperanças.

O IMPERADOR (*percebendo que os conselheiros coahicham*) — Não... não... Não é preciso separar-me outra vez de ti. Já sei, já sei... (*O Presidente do Conselho faz com os labios um gesto de impaciencia*).

CONDE D'EU — Parbleu! Mon bello pai, non voudra provocarr um nouvel attaque de Perr... digo, de figadô. Moi me en-

carrégue dos negócios avec petit porcentage. Allez-vous-en...

O IMPERADOR (*incommodado*) — Já sei, já sei... mas não vou, não é preciso; querem á força fazer-me mais doente do que estou. Srs., eu estou bem, posso trabalhar, não se incommodem commigo. (*Volta-se para o Presidente do Conselho*); os minietros estão na sala dos despachos? trouxeram as pastas? Não me fallem do Coelho Bastos...

O PRESIDENTE (*desapontado*) — Nada, Senhor...

O PRINCEPE D. PEDRO (*bairo, comsigo mesmo*) — Bem bom, bem bom que vovô não vá. O tal Sr. meu tio é um vinagre, capaz de pôr-nos todos a decimo de razão.

O PRESIDENTE—Vejo que decididamente, Senhor, V. M. se oppõe aos conselhos dos medicos. Mas, Senhor, é preciso ao menos que V. M. nos permitta salvar a responsabilidade do governo.

O IMPERADOR — Não me opponho a nada. Venham os despachos, que assigno, menos a nomeação do Coelho Bastos. Que é do Paranaguá? Sr. de Ibituruna (*dirigido-se ao cto Ramiz Galvão*), o Sr. já deu cabo dos vinhos falsificados? E' preciso acabar com isso. Mas, olhem, eu não vou, fico, faço como meu pai já que é para bem de todos, fico.

A PRINCEZA (*triste, dando de cabeça para o cidadão Mucio*) — Agora...

O CIDADÃO MUCIO (*recatando, solmne o Leão Enfermo*): — «A' semelhança dos heróes antigos, de que rezam as lendas gloriosas»...

O IMPERADOR (*voltando-se para o cidadão Mucio*) — Ah! os heróes antigos... o pio Enéas, por exemplo; os vencedores de Perebebuy... e Aquidaban... O' seu Cote-gipe, já decidiu a questão militar? (Os conselheiros, em confusão, agrupam-se, separam-se, convertem a vista var. Ouvem-se murmúrios de fúria. Entra o primeiro e o segundo da legação. Aguarda o rei).

SCENA II

O PRESIDENTE DO CONSELHO (ao ver entrar o confidente, balço, ao Sr. Nogueira da Gama) — Que diabo! que vem fazer aqui este intruso?...

N. DA GAMA (também balço) — Não sei...

O CONFIDENTE (esbaforido, á S. M.) — Senhor... (O Imperador levanta-se de um salto) Oh!

O IMPERADOR (com admiração, encarando o confidente) — Oh! por aqui, Sr. Ferreira Vianna? Ora graças! já tardava... Seja bem vindo. Ao menos poderemos fazer de collaboração uma nova conferencia dos Divinos... não é assim? Muito lhe agradeço... gostei muito do seu projecto. Perfeito!

O CONFIDENTE — Senhor... (ao ouvido do Imperador) — Aquella madama...

A PRINCEZA (fazendo novo signal ao cidadão Mucio) — Continue.

O CIDADÃO MUCIO (declamando) — «Nunca pensei que fosse tão completo o ideal supremo do altruismo, elle parece, neste meio abjecto, a luz batendo em chelo num abysmo»... (no seu enthusiasmo, a gesticular, dá com o braço na cabeça da Princeza, que, assustada, assusta também o Imperador.

O cidadão Mucio procura tranquilisal-os, mas atira de pernas para o ar uma pequena mesa giratoria, fazendo um estrondo dos diabos, alastrando o soalho de papéis, vasos e tinta. A Princeza desmaia; o Imperador tem um acesso, não satisfatorio. Enquanto uns se apressam em soccorrel-o, outros correm pela porta fóra).

O PRESIDENTE (erguendo a voz) — O' Sr. Visconde de Ibituruna! de hoje em diante o seu titulo fica reduzido á metade, ou antes, ás duas primeiras syllabas. Contentese só com o Ibi... turuna sou eu!

O CONDE D'EU — Isto é une bataille de Campe Grande!... Que diable! Nem em Pirribibuy!...

O CIDADÃO MUCIO (contemplando a Princeza desmaiada) — Oh! tu, que tens de humano o gesto e o pelto... (Café o panno).

Poderia eu esquecer e perdoar tamanho ridiculo? Ainda se eu só fosse a victima, vá, podia ser generoso: mas os meus protectores, o Imperador e a Princeza, na occasião em que eu era hospede de Sua Majestade, no palacio de sua residencia, em São Christovão, não era possivel deixar de repellir a offensa collectiva, uma vez que a posição social das principaes victimas lhes tolhia o d'reito de retallar. Ataquel-o então violentamente pela imprensa, expondo-

me ao risco de ser esmagado pelo temível gladiador no próprio circo dos seus campeonatos. Teve-se assim uma ingloria e lamentavel discussão pessoal, dispondo ambos das mesmas armas, pois até do verso elle se serviu ao terminar um dos seus artigos assim: — Para concluir, estes versinhos, que savemos ao estro do poeta puxado a dous e com os competentes lagartos, (1) Mussiú Telxeira.

«Eu sou o poeta illustre,
Eu sou *O dedo de Deus*; (2)
Disponho de todo o paço:
Servos e carros são meus.

Sou Dom extranumerario,
Mas tenho igual regalla,
Sem aspirar da corôa
Mais que o oiro e pedraria...

Apraz-se esta boa vida,
Eu sou o Horacio moderno;
Mecenas vale aos meus olhos
A cama, a mesa, o phalerno!...

Uns tantos pulhas invejam
A minha sorte; maldiz
Certa imprensa pequenina...
Amigo, faça o que eu fiz:

Vá cantando dia e noite,
Chamando ao Principe — Homer.
E depois... veja se ha mares
Como entre Leandro e Hero,

Se fôr preciso, extenuado,
Sumir-se por entre as vagas,
Tendo carros e cavallos,
Criados e contas pagas.

Eu sou o poeta illustre,
Eu sou *O dedo de Deus*...
Nas minhas mãos tenho Cesar...
Possuo os segredos seus!»

Deixo ao criterio dos que me lêem a analyse de tão ferina satyra, principalmente na perfidia do verso final. Os nossos companheiros dividiram-se em dous grupos, uns do meu lado, outros ao lado de *Zé do Pato* cada um tomando parte na ingloria e incruenta luta... do Parnaso. O Arthur numero 2, (3) que se mostrava muito meu amigo, enquanto meu padrinho era Presidente do Conselho de Ministros, e que em sua secretaria o admittio como auxiliar extra-numerario, sendo a instancias minhas nomeado amanuense, sem concurso, e que então me offereceu a poesia *Hotel*, (que era o seu coração); o Arthur n. 2, como eu escrevia no *Cruzeiro*, de que era redactor.

chefe o insigne jornalista Reynaldo Carlos Montóro, collocou-se do lado do Patrocínio e mimoseou-me com esta quadra, de perfeito quadrado que era:

«Montóro é quasi monturo,
Monturo é muita esterqueira,
Se és tão sujo e tão impuro,
Como é que o Mucio te cheira?»

Respondi-lhe no dia seguinte com estes *trioletes*:

Vem cá, Arthur Azevedo,
Tu és gambá ou raposa?
Responde, não tenhas medo,
Vem cá, Arthur Azevedo...
Tu has de ser qualquer couro
E agora, muito em segredo,
Vem cá, Arthur Azevedo,
Tu és gambá... e raposa!

Por seres pai da *Princesa*,
Princesa dos Cajueiros,
Queres ter direito a Altesa,
Por seres pai da *Princesa*.
Pobre filho de cocheiros,
Que aviltas a realesa
Por engendrar a *Princesa*...
Que brotou dos *Cajueiros*.

Que aviltas a realesa
Por engendrar a *Princesa*...
Que brotou dos *Cajueiros*.

Numa *Vespera de Reis*
Dando tratos ao miolo,
Plagiaste a cinco ou seis
Numa *vespera de Reis*.
Arthur, não passas de um tolo.
Maldito o pai que te fez
Numa *vespera de Reis*..
Dando tratos ao miolo.

Desencadeou-se, então, uma tempestade de *satyras*, esfuriando *trioletes* como relâmpagos, cada qual mais ameaçador e sinistro. Um sujeitoinho muito invejoso e intrigante, chamado Antonio Valentim da Costa Magalhães Junior, a quem Sylvio Romero só chamava de *Doutor Tim Tim*, autor de má prosa e peores versos, abusando da sua fraqueza physica, mas sem a precisa coragem de me aggreddir de frente, andava dia e noite a passar-me desconposturas pelos cafés, onde eu não ia, esquecido das cartas (que ainda conservo) em que me pedia dinheiro e agradecia favores litterarios. Publiquei, por isso, mais este soneto (que o *Escaravelho do Jornal do Commercio*, pseudonymo do seu illustre director, Dr. Luiz de Castro, deu na sua espirituosa secção humoristica):

O DIABO OS FEZ
E ELLES SE JUNTARAM

Novo Diario de Noticias velhas,
Do Carneiro da velha *Folha Nova*, (4)
Surgio: e de miasmas jaz á prova,
Morrendo á fome e ao peso das orelhas

De umas cavaleduras, que em parelhas
Andaram sempre aos couces, numa sova;
Mas que o Senna tosquia, encilhava, esco-
[va, (5)
E introduz no rebanho das ovelhas.

Mammiferos, mas bimanos, roedores,
Classificados entre os *mordedores*,
Fazem do Luiz Delfino o seu Delfim...

Adulam-no, mas não pelo talento,
E' só pelo dinheiro... ah! tomem tento
O gordo Arthur e o magro Valentim!

O Annibal Falcão, o Lins de Albuquerque
e o Fontura Xavier ficaram do meu lado.
Daquelle esfusiar de *trioletes* a que já me

(1) O povo chamava de *lagartos* aos
criados da casa imperial que andavam de
farda verde e botões dourados. — M. T.

(2) O *dedo de Deus* era o titulo de um
notavel artigo, sem assignatura, mas que
se soube ser da lavra do Barão de Loreto,
respondendo ao de Quintino Bocayuva, in-
titulado *Um feretro que passa*, referindo-se
ao navio que conduziu o Imperador enfer-
mo para a Europa. Patrocínio sabia que
o artigo não era meu, mas preferio attri-
buir-me a sua autoria. Que poderia eu fa-
zer, se o peor cego é o que não quer vêr?
— M. T.

(3) Havia tres Arthures no nosso gru-
po, por isso houve necessidade de nume-
ral-os: o numero 1 era o genial Arthur de
Oliveira; o numero 2 era o Arthur Nabanti-
no de Azevedo; o numero 3 era o philologo
Arthur Barreiros. — M. T.

(4) Manoel Carneiro, ex-proprietario da
Folha Nova e do *Diario de Noticias*.

(5) Ernesto Senna, companheiro de M.
Carneiro nas duas folhas citadas e mais
naquelle *conferencia de Arthur de Albuquerque*.

referi, destacarei apenas estes, todos contra o Patrocínio:

Zé do Pato, Zé do Pato
A tua voz não rebôa
Basta já de espalhafato
Zé do Pato, Zé do Pato!
Com fumaças de mulato
E's negro de muita prôa,
Zé do Pato, Zé do Pato...
Mas... tua voz não rebôa!

Nunca foi a abolição
Marimba que preto toca,
Cavaquinho, isso é que não
Nunca foi a abolição.
Retinto como um carvão,
Estouras que nem pipoca!
Nunca foi a abolição
Marimba que preto toca!
(Mucio).

Hei de tirar-te as fuligens
E o picuman da cabeça;
Valham-te as onze mil virgens
Hei de tirar-te as fuligens...
Embora sintas vertigens,
E a gaforinha te cresça,
Hei de tirar-te as fuligens,
E o picuman da cabeça!

São do Annibal Falcão estes triolets
Lá vai o *Doutor Semana*, (6)
Seguido do seu moleque;
Vamos metter-lhe a catana,
Lá vai o *Doutor Semana*...
Qual é o mais safardana?
Qual é o mais chichisbeque?
Lá vai o *Doutor Semana*
Seguido do seu moleque.
(Annibal).

Zé do Pato em si não cabe
De contente... e eu, mesmo manco,
Digo: é o unico que sabe
Metter o preto no branco!
(Lins).

Fugio-me ha mais de seis mezes
O meu moleque *Proudhomme*;
Tem feito isto outras vezes,
Fugio-me ha mais de seis mezes.
Quando o comprei aos inglezes,
Não dava por este nome;
Fugio-me ha mais de seis mezes
O meu moleque *Proudhomme*.
(Fontoura).

E, encontrando-se com elle á porta da *Gazeta*, atrevendo-se o Zé do Pato a querer abraçá-lo, depois de haver publicado uma

tremenda descompostura contra o seu *Regio Saltimbanco*, assim que o autor foi nomeado consul, disse-lhe o Fontoura Xavier:

José, não te honra Deus pelo que vales,
[mas...
Mas só para mostrar de quanto Elle é ca-
[paz.

Uma vez, no theatro Lyrico, durante a solemnidade de um espectáculo de gala em honra da officialidade de guerra da esquadra chilena, que nos obsequiava com a sua visita, fallava José do Patrocínio, que fôra reclamado pelo auditorio para responder ao orador estrangeiro. Começou, como sempre, com arroubos de eloquencia; mas um dos seus ferozes inimigos, do alto das torrinhas, gritou cynicamente:— *Calá a bocca, negro!*...

Patrocínio, cravando o olhar no ponto de onde partira a immerecida injuria, bradou: — Não! não me calarei! e se *Deus quiz que eu nascesse negro, foi para que como Othello tivesse ciumes delirantes no amor da minha patria!* O theatro inteiro levantou-se entusiasmado.

Em outro theatro, onde fazia uma das suas brilhantes conferencias abolicionistas, na occasião em que melhor discorria, saltou-lhe da bocca a dentadura postica, que

elle, na rapida dextreza de um inesperado logo malabar, apanhou no ar, collocando-a immediatamente na gengiva, o que porém não evitou uma gargalhada geral. Outro qualquer abandonaria a tribuna, naturalmente desolado; elle não, recomeçou por estas palavras: — *Povo ingrato, que nem merece as minhas apostrophes! povo que ri até nas occasões em que deveria chorar!*... — Rebentou daquelle proprio povo uma tempestade de applausos.

Aqui está o homem inteiro, por dentro e por fóra, com todos os seus vicios e virtudes, tal qual o conheci durante quasi trinta annos. Apresento-o sem hypocritas reticencias, para que a posteridade o conheça de perto, isto é, na intimidade, de conformidade com as exigencias precisas em verdadeiros documentos humanos.

Pode-se dizer de José do Patrocínio o mesmo que elle disse de Arthur de Oliveira: — "Passou pela vida como um condenado dantesco, extorcendo-se entre as garras do seu proprio talento". Ao ser proclamada a abolição da sua raça, que teve nelle o maior dos seus apostolos, devendo figurar o seu nome á frente dos de Isabel, a Redemptora, de Caldre e Fião, Castro Alves, André Rebouças, Lulz Gama, Joaquim Serra, Joaquim Nabuco, Ferreira de Menezes, Visconde do Rio Branco, Dantas e João Alfredo.

tas e João Alfredo, — José do Patrocínio escreveu isto:

"Vio-se finalmente que bastava um punhado de estrellas apanhado por um governo decidido, no regaço de uma Princeza, para aterrar de todo o pantano, formado em nossa historia pelas enxurradas de tres seculos de cubica. Havia setenta annos que o povo trabalhava para obter o saneamento moral de sua alma e de sua nacionalidade... Haviam atirado lá dentro do lamaçal insondavel: o Imperador, os seus sentimentos e o respeito pelos sabios do mundo; o Marquez de S. Vicente, a sua incliativa temeraria e o prestigio da sua sabedoria; Joaquim Serra, a sua verve e os seus conselhos; Luiz Gama, a erupção vulcanica da sua alma que agitava como um terremoto a provincia de S. Paulo; Ferreira de Menezes, a sua penna e o seu coração; Castro Alves, as suas estrophes diamantinas e a sua cabeça encantada como um palacio de fadas; Dantas, o seu Governo de martyrio; José Bonifacio, a sua palavra nebulosa-fonte de constellações; André Rebouças, o mineiro imperterrito, acostumado a descobrir o veio de ouro na noite subterranea...

Hoje, termino soltando de minh'alma a revoada branca das minhas esperanças: quero que ellas, sahindo da arca da liberdade, ancorada sobre o monte Ararat da justiça, vöem por este Brasil inteiro, pouzando de casinha em casinha, dos escravizados de hontem, prendam ao bico um ramo de oliveira e o tragam para depositar aos pés da meiga Senhora, que é a loira Mãe da Família Negra. Michelet vai explicar com uma palavra a minha contrição diante da Princeza: — Eu sinto que tudo purificou-se ao fogo da caridade, que se levanta em labaredas em seu coração."

E anno e meio depois, quando o tufão revolucionario desmoronou o throno e a Igreja, no inicio da ruinação da nossa patria, sendo a divina imagem do Christo retirada dos estabelecimentos publicos, por ordem do Governo Provisorio, que banio o velho Imperador, enfermo, e toda a familia Imperial, que até hoje não pôde pisar na terra que tanto engrandeceu, desencadeando-se esta tempestade moral que ainda não serenou, varrendo do Brasil todas as liberdades e todos os direitos, que não sabemos reconquistar, José do Patrocínio escreveu então mais isto: — «Desde 1871 que uma grande expansão democratica irrompeu no seio da sociedade brasileira. O cerceamento da instituição servil foi o cerceamento do throno. O escravo era um estelo; o proprietario era um cúmplice do regimen compressor da liberdade humana

e politica, etc.

Nem uma barricada para esconder atrás della a realza, nem um rebate nos sinos da Cathedral para derramar o alarma no acampamento dos velhos legionarios! E, deste modo, um regimen de mais de meio seculo de duracao desapareceu, como a Monarchia ha alguns annos em Franca, «sem que fosse preciso demolir a martello o edificio, bastou um golpe de vento para lançal-o por terras». E a Republica, que se achava acampada na fronteira do Imperio, transpoz immediatamente a linha divisoria, entrando pelo paiz a dentro, acclamada, victoriosa, nos braços do povo, irrompendo da alma nacional, porque ella é a restauração do poder que triumpho.

Estamos como quem, cego de nascença, tivesse os olhos abertos de repente, offuscados pelo primeiro clarão, não comprehendendo ainda o que visse, sentindo a alma dilatar-se, ávida e nova, diante do mysterio da luz. Nascemos para a liberdade, de subito, quasi sem transição, por uma destas singulares fatalidades da força americana, que inventa sorpresas para cada uma das suas manifestações. Estremecendo, ainda mal despertos, vendo os instrumentos de guerra apparelhados, como para uma batalha terrivel, tivemos de ficar ajoelhados e mudos, ao reconhecer que a paz nascera do bojo das granadas e do gume das espadas.

E a madrugada. Estamos na madrugada da vida. Agora é sahir, é saudar a manhã, é trabalhar e cantar!»

Patrocínio, que durante a Monarchia dizia na imprensa e na tribuna quanto lhe vinha á cabeça, não poupando os Governos nem a Familia Imperial, nunca foi

(d) Allude ao hebdomadario *Semana Illustrada*, que em todos os numeros dava a figura gorducha do Deuter Semana e do seu moleque, muito prato, de botas e cartola. E a allusão tinha cabimento, porque o Dr. Ferreira de Araujo, muito gordo, escrevia então a *Semana Politica* na mesma folha em que *Patrocínio* publicava os artigos de *Armandinho*. — M. G.

preso nem processado durante o Imperio. E logo depois de proclamada a Republica, escondendo-se mais de uma vez para não ser encarcerado, no dia em que se descuidou foi preso e desterrado para o Cucuhy, sendo constrangido a esconder-se de novo, durante mezes, por suspekto de conspiração.

Falle sobre isto ainda Lopes Trovão: — «Esta revolta justificou aquella conspiração; e eu teria sido companheiro dos* muitos republicanos genuinos que em ambas ellas se comprometteram, se uma me inspirasse confiança e a direcção suprema da outra não tivesse sido confiada a um chefe de cujos talentos e desinteresse sempre duvidel, (7) e a quem muitas vezes ouvi jactar-se de ser, no Governo, o promotor das violencias inconstitucionaes que deviam motivá-las».

Como são dignos de nota os *Homens do meu tempo*!

Mucio Teixeira.

(7) O Almirante Custodio José de Mello.
— M. T.